

MARINGÁ

Urbanização e Arborização

A HISTÓRIA DA ARBORIZAÇÃO DA CIDADE CANÇÃO

Pesquisa e coordenação:
Miguel Fernando

LORD LOVAT:
aventureiro britânico em solo brasileiro

LUIZ TEIXEIRA MENDES:
a semente plantada

ANNÍBAL BIANCHINI DA ROCHA:
uma vida dedicada ao ambiente urbano

OS PARQUES DA CIDADE:
origem e história

O futuro da arborização de Maringá



INSTITUTO DA
ÁRVORE

NOSSA HOMENAGEM E RECONHECIMENTO AOS EDUCADORES.

Com seu trabalho, dedicação e talento, eles fazem a diferença para que tenhamos um mundo melhor.



**INSTITUTO DA
ÁRVORE**

Palavra do Presidente



Na busca pela preservação e conservação do maior patrimônio público da cidade de Maringá, que é a sua arborização, o Instituto da Árvore, fundado em 2006, registra mais uma importante conquista: a publicação desta revista de âmbito educacional pedagógico, cujo conteúdo muito contribuirá para o conhecimento e a conscientização das novas gerações.

Tal trabalho foi elaborado por especialistas e com o apoio direto do Núcleo Regional de Educação de Maringá, que fará o seu encaminhamento – e apresentação em sala de aula – junto a alunos da 7ª série do ensino fundamental.

Trata-se de um projeto permanente, que terá o seu conteúdo atualizado todos os anos.

No bojo desta primeira edição, há fatos históricos que permitirão entender o início e o desenvolvimento da arborização na cidade, da forma a suscitar o debate e a valorização deste patrimônio público.

Com o propósito de educar, o Instituto da Árvore cumpre assim o seu papel, chamando atenção, ainda, para o declínio e a cobrança de ações efetivas que venham a assegurar a sustentabilidade deste importante diferencial de Maringá, que se reverte em qualidade de vida para a população.

Marcos Antonio Capellazzi
Presidente do Instituto da Árvore

Melhorar o mundo

É sempre uma grande honra participar de um projeto voltado à educação.

Contribuir para educar é uma das tarefas mais gratificantes, pois a informação tem o poder de melhorar a cidade e o mundo.

Ao editar esta revista dirigida a estudantes para tratar da história regional e, em seu bojo, abordar o desenvolvimento da arborização da cidade, o Instituto da Árvore merece o nosso reconhecimento e apoio.

O verde, legado da visão futurista dos pioneiros, é um dos grandes diferenciais da cidade e também um orgulho dos maringaenses.

Com os nossos cumprimentos.

João Everardo Resmer Vieira
Presidente Subseção OAB/Maringá



Preserve
Nosso futuro depende disso



Diretoria Executiva

Marcos Antonio Capellazzi – presidente, advogado e empresário
Hermínio Rogério Recco - vice-presidente, jornalista e empresário
Sandra Baquette - 1º secretária, administradora
Herman Vargas Silva - 2º secretário, geólogo
José Ramil Poppi - 1º tesoureiro, empresário
Jacir Antonio Nogara - 2º tesoureiro, representante comercial

Conselho Deliberativo

Cláudio Emanuel Pietrobon – presidente, engº civil, prof. dr. UEM; Roberto Verdade - vice-presidente, prof. Mestre em química UEM; Renato Leão Rego – secretário, arquiteto, prof. dr. UEM; José Fernandes Jardim Júnior - conselheiro, engº agrônomo e empresário; Olga Maria Agulhon - conselheira, escritora; Osvaldo Danhoni - conselheiro, engº agrônomo.

Conselho Fiscal

Pedro Brambilla - conselheiro titular, advogado; Victor E. da Rocha Pietrobon – conselheiro titular, engº civil; Gilberto Pavaneli - conselheiro titular, prof. dr. UEM; Luiz Roberto Marquezini - conselheiro suplente, engº civil; Evaristo Atencio Paredes - conselheiro suplente, engº agrônomo, prof. dr. UEM; Marcos Paulo Clemente - conselheiro suplente, empresário.

Estagiários do Curso de Administração do CESUMAR no Instituto: Ricardo Massaki Harada, Délcio Roberto Justino e Thaynara Maitê da Silva



Diretoria

João Everardo Resmer Vieira - presidente
Rita de Cassia Lopes da Silva - vice-presidente
Marlene Tissei São José - secretária adjunta
Moises Adão Batista - secretário geral
Douglas Galvão Vilar do - tesoureiro

Conselheiros

Gestão 2010/2012

Advogados: Alba Regina Grasseti Pacheco, Antonio Fachini Junior, Claudio Palmeira de Souza, Fiori Augusto Mincachi Faustino, Fulvio Luis Stadler Kaipers, Jane Glaucia Angeli Junqueira, Kelly Cristina de Souza, Leonir Maria Garbugio Belasque, Lizeth Sandra Ferreira Detros, Maria Augusta Costa Takeuti, Osvaldo Nechi, Sergio Saes, Sergio Yoshikazu Miyamoto Navarrete, Sidney Samuel Meneguetti, Jose dos Santos, Sonia Regina Vieira Khoury, Valdelice de Lourdes Palmieri, Fabio Henrique Xavier, Flavia Carneiro Pereira, Luciana Trindade de Araujo, Manoel Ronaldo Leite Junior, Marcos Rodrigo de Oliveira, Ricardo Donald Pereira, Valdir Roberto Alves Santana.

Comissão do Meio Ambiente e

Recursos Naturais da OAB-Maringá

Silvio Alexandre Fazolli - presidente
Gisele Colombari Gomes – vice-presidente
Cristiano Pereira Casado - 1º secretário
Valdeci Aparecido Da Silva - 2º secretário
Elieuzza Souza Estrela – tesoureira
Membros: Izabella Ferreira Martins, Ricardo Cesar Gardiolo, Moises Adao Batista, Andryelle Vanessa Camilo, Alba Terezinha Souza Rodrigues.



PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da Educação

Núcleo Regional de Educação do Estado do Paraná de Maringá

Maria Inês Teixeira Barbosa - Chefe do Núcleo de Educação
Maria Marlene Amadeu Galhardo Mochi - Assistente Técnico
Jane Cristina Beltramini Berto – Coordenadora Equipe de Educação Básica
Valkiria T. de Almeida Santos - Coordenadora Pedagógica de Geografia

CONSELHO EDITORIAL

Coordenação, pesquisa e redação: Miguel Fernando Perez Silva

Especialista em História e Sociedade do Brasil pela Universidade Estadual de Maringá e Bacharel em Turismo e Hotelaria pelo Centro Universitário de Maringá. Instituidor do Projeto Maringá Histórica (maringahistorica.blogspot.com)

Coordenação Pedagógica: Valkiria Trindade de Almeida Santos

Revisão de conteúdo: Marcos Antonio Capellazzi, Hermínio Rogério Recco e Prof. Dr. Renato Leão Rego.

Revisão ortográfica: João Bacellar de Siqueira

Revisão histórica: Prof. Dr. Reginaldo Benedito Dias

Diagramação: Andréa Tragueta

Capa: Welington Vainer

Foto da capa: Ricardo Harada e Rose Capellazzi

Fotos históricas: Acervo Maringá Histórica, Museu Bacia do Paraná, Gerência de Patrimônio Histórico de Maringá, Cláudio Emanuel Pietrobon e família, além de contribuições diversas.

Fotos atuais: Valdir Carniel

Ilustrações: Cartunista Gucharges (www.gucharges.com)

Impressão: Gráfica Regente

Tiragem: 15.000 exemplares

Raízes da nossa história: o conceito de cidade-jardim implantado em Maringá

“Maringá nasceu sob o signo da modernidade.”

Anníbal Bianchini da Rocha

Introdução

Vagar pelas ruas, praças e avenidas de Maringá é um exercício diário para muitos. Passadas apressadas, outras nem tanto. Uns com destino certo, os demais só caminhando. Corriqueiramente¹, quantos reparam nos prédios históricos, ainda sobreviventes, de períodos anteriores a esse que vivemos? Quem tem o luxo de dar atenção aos jardins espalhados pela cidade?

O corre-corre nos obriga a excluir paisagens que estão constantemente à frente dos nossos olhos. Uma análise criteriosa pode surpreender e até mesmo fascinar. A nossa história está inserida inexoravelmente² em todos os pontos urbanos e rurais. Seja uma praça que nos arremeta a nossa infância ou a escola em que estudamos. A memória em alguns casos, apesar de cristalizada, é a nossa principal ferramenta de pesquisa. É por meio dela que temas pouco mencionados vêm à tona.

E se você descobrisse que a maior parte de Maringá foi planejada em detalhes? Desde a largura das avenidas e ruas até o plantio de variadas espécies para florescerem o ano todo.

Talvez, com essa rápida colocação, suas lembranças comecem a fazer sentido.

Mas, será que o projeto inovador implantado na cidade resiste ao constante crescimento populacional e estrutural? O mercado imobiliário tem respeitado os limites da natureza? Os resultados são visíveis e infelizmente, o verde tem perdido a batalha. Contudo, a guerra ainda não chegou ao fim. Em qual ponto da nossa história desvirtuamos o nosso desenvolvimento sustentável³?

Convidamos você para conhecer um pouco dessa epopeia e descobrir quais os próximos passos para a preservação ambiental da nossa “Cidade Verde”.

“Maringá cidade de fama. Quando não tem poeira tem lama”. Esse era um dito popular local de época que diz respeito ao árduo período enfrentado pelos primeiros habitantes que aqui chegaram. A colonizadora que adquiriu essas glebas executou o plano de desmatamento para o respectivo povoamento. No segundo processo, as cidades se viram desprovidas de vegetação. Além da poeira intensa durante a seca, com as chuvas torrenciais, a lama era inevitável.

1 Corriqueiramente: Que corre ou circula habitualmente.

2 Inexorável: Que não cede. Que não se move à compaixão. Imparcial. Implacável.

3 O conceito de desenvolvimento sustentável foi utilizado pela primeira vez no Relatório Brundtland, em 1987. Entende-se como a ação que visa a satisfazer as necessidades e anseios da geração atual, sem comprometer a capacidade das próximas gerações.

4 Sua colonizadora foi a Companhia de Terras Norte do Paraná fundada em 24 de setembro de 1925 por empresários britânicos, liderados por Simon Joseph Fraser, o Lord Lovat. Em 1944, após pressões por parte do governo de Getúlio Vargas, a empresa foi adquirida por um grupo de brasileiros que foi composto pelo engenheiro Gastão de Mesquita Filho.

Lord Lovat - Simon Joseph Fraser, o mais influente do norte do Paraná

Simon Joseph Fraser (1871-1933), o conhecido **lorde Lovat** também era chamado de Mister Fréza, referenciando-o como um verdadeiro cavalheiro, afinal, também havia sido um barão. Lovat era um típico aventureiro inglês: realizou safáris pela África, colecionou espécies raras de pássaros, cultivou algodão no Sudão, foi membro do exercito britânico e participou de diversas expedições em regiões inóspitas pelo mundo.

Como era técnico em agricultura, foi convidado para compor a Missão Montagu, cuja caravana aportou no Brasil em dezembro de 1923. A Missão foi liderada por Lord Edwin Samuel Montagu, ex-secretário de finanças do tesouro da Inglaterra, e tinha entre seus integrantes Sir Charles Addis, diretor do Banco da Inglaterra e presidente do Hong-Kong and Shanghai Banking, Sir Hartley Withlers, conde de Londres, além, é claro, de Simon Joseph Fraser.

Após encontros empresariais e políticos no Rio de Janeiro e São Paulo, Lord Lovat rumou para o Paraná, em janeiro de 1924, a fim de negociar terras/estrada de ferro com Antônio Barbosa Ferraz Júnior.

Quem foi o responsável pelo encontro entre o Lord e os proprietários do empreendimento foi o engenheiro Gastão de Mesquita Filho. Mesquita chamou a atenção de Lovat para as terras pouco exploradas na região. Gastão ainda citou que seria interessante, após a aquisição da ferrovia, prolongá-la; tal engenheiro ainda garantiria o escoamento das madeiras e outros produtos pelo porto de Santos à Inglaterra, pois era o responsável pelo projeto. Com isso, a linha férrea valorizaria as terras em torno dos patrimônios, impulsionando a produção agrícola.

Em setembro de 1925, nasceu na Inglaterra a Paraná Plantation Ltd, tendo como subsidiária no Brasil a Companhia de Terras do Norte do Paraná. Foi da semente plantada por Lord Lovat que brotou uma das maiores empresas de capital privado instaladas no Brasil.

O “aventureiro” cedeu seu nome a um município que se tornou Mandaguari, a vias e a um dos mais luxuosos restaurantes constituídos em Maringá. Lord Lovat foi um empreendedor que desempenhou papel fundamental na colonização do norte do Paraná. Em uma de suas últimas viagens a região, no ano de 1931, acompanhou a vinda do então príncipe de Gales. Simon Joseph Fraser faleceu dois anos depois.



Companhia Melhoramentos Norte do Paraná

A vila que veio a se transformar na promissora Maringá tem diversas versões do seu surgimento. Uma dessas colocações cita que o núcleo primordial, atualmente conhecido como “Maringá Velho”, era um encontro de sertanejos, caboclos e trabalhadores rurais para a prática comercial e do escambo. Com isso, um pequeno comércio começou a se formar na via de tráfego dos carros de bois, carroças, cavalos. Esse conglomerado, perante relatos, pode ter tido dois nomes: Macuco e Pinguim.

Sobre ter sido nomeado como Vila Macuco e Vila Pinguim, vale ressaltar que alguns córregos cruzavam o sítio, dentre eles, o Ribeirão Pinguim. Possivelmente, a primeira alcunha seja proveniente desse riacho. A segunda, do pássaro Macuco. Tudo isso ocorreu ao longo da década de 1930, comprovando que a ocupação territorial dessa região foi anterior a comercialização de lotes por parte da colonizadora, em 1938.

Durante o desbravamento das densas florestas, o batismo das águas encontradas ficava a cargo da equipe do Departamento de Topografia da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), que tinha como um de seus responsáveis o engenheiro russo Wladimir Babkov. Somente os rios e ribeirões constavam nas primitivas escrituras. O próprio Wladimir relatou que, para nomear esses deságues, eles utilizavam os seguintes critérios: países de origens dos imigrantes, nomes de santos, marcas de cigarros,

times de futebol e até as namoradas e esposas dos agrimensores.

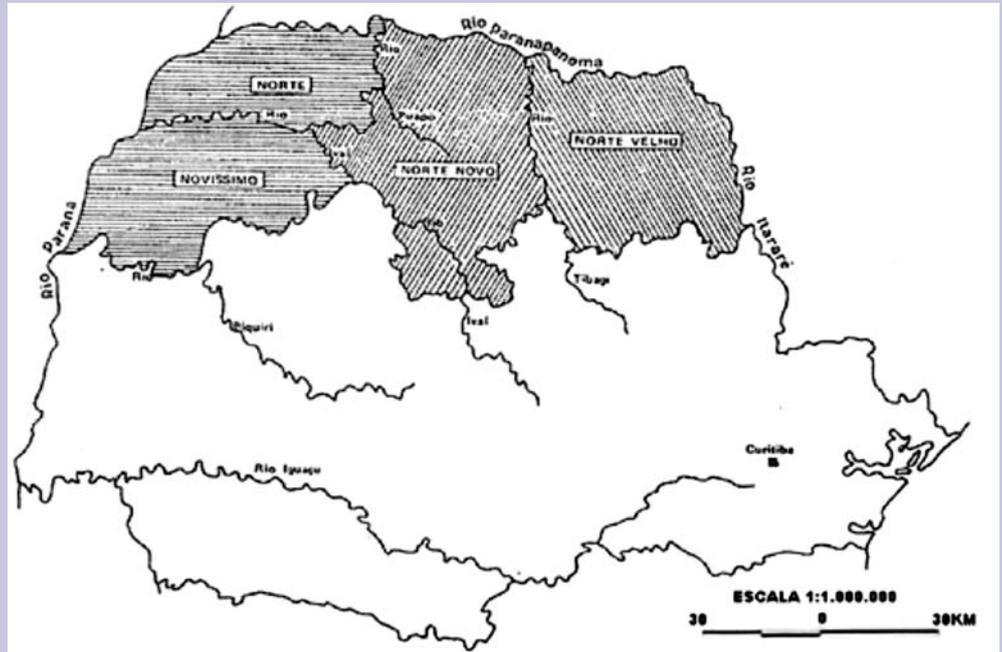
Não foi um tempo fácil. As equipes tinham que se embrenhar na mata para delinear os traçados das cidades que estavam às vésperas do seu nascimento. Não raro, suas bússolas eram influenciadas por formações rochosas. Sem levar em consideração os animais silvestres e insetos transmissores de diversas doenças, muitas, incuráveis naquela época.

O norte do Paraná, ao contrário do que muitos acreditam, também era ocupado por índios. Um ataque surpresa nos acampamentos era um perigo constante. O mais antigo funcionário da Companhia de Terras, Gordon Fox Rule, relatou:

Certa vez paramos na estrada para encher de água o radiador do nosso fordeco e de repente ouvimos de todos os lados, vindo da mata, o som de paus batendo nas árvores. Eram os índios que então existiam nos arredores do que viria a ser nossa progressista Londrina de hoje. Isso foi em 1930. Lembrome bem de que todos queriam correr, mas eu os acalmei e disse que fizessem tudo com naturalidade. Ouvíamos os índios, mas não podíamos vê-los. Pouco a pouco nos aproximamos do automóvel, sempre ao som das batidas nas árvores, enchemos de água o radiador e zarpamos a toda velocidade⁵.

5 COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ. Colonização e desenvolvimento do Norte do Paraná. Publicação comemorativa do cinquentenário da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP). São Paulo, 1975, p. 85.

A colonizadora adquiriu diversas áreas no norte do Paraná, que totalizaram 545 mil alqueires. Sua meta, ao longo dos anos e posteriormente como Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP), foi compor quatro grandes centros urbanos (Londrina, Maringá, Cianorte e Umuarama) distanciados 100 quilômetros entre si e pequenos núcleos rurais a cada 15 quilômetros. Nesse percurso, três zonas produtoras de café foram estabelecidas: Norte Velho, Norte Novo e Norte Novíssimo.



Norte Velho: espaço colonizado por paulistas e mineiros. Algumas cidades: Jacarezinho, Cambará, Santo Antônio da Platina, Ribeirão Claro, Andirá, Bandeirantes e Cornélio Procópio.

Norte Novo: delimitado pelos rios Tibagi e Ivaí até o rio Paranapanema. As cidades mais importantes: Londrina, Maringá, Apucarana, Araongas, Nova Esperança, Paranaíba, Porecatu e Jaquapitã.

Norte Novíssimo: estende-se do rio Ivaí até o Paraná. Principais urbes: Cianorte, Umuarama, Cruzeiro do Oeste, Xambê, dentre outras.

Por trás do nome Maringá também permeiam dúvidas insolúveis. Das várias vertentes, os documentos da Companhia de Terras Norte do Paraná reportam que Elizabeth Thomas, esposa do então gerente da empresa, Arthur High Miller Thomas, teria sugerido o nome. Outros remetem que Elizabeth teria ouvido os trabalhadores braçais cantando a canção de Joubert de Carvalho e, com isso, a ideia lhe veio à mente. A outra versão, pouco comentada, é que o nome já era parte do erário dos primitivos habitantes. Após Vila Macuco e Pinguim, não diferente, outro ribeirão, o Maringá, também ficava naquelas proximidades.

Em 10 de novembro de 1942, a CTNP inaugurou oficialmente a primeira instalação comercial da Vila Maringá, o Hotel Campestre. Durante esse evento, diversas autoridades participaram da solenidade: Arthur Thomas, Major Blasi (então prefeito de Londrina), Aristides de Souza Mello, Milton Tavares Paes, Wilson Varella, David Dequech, Rui Cunha, Milton Gonçalves Campos, Aroldo Moraes, Archibaldo Moraes, Orlando Noronha, Shigeoski Yokayana, João Tenório Cavalcante, Waldemar Gomes da Cunha, Waldemar Wenskowick, Wladimir Babkov, Pedro Lopes, Renato Mello, Mario Siqueira Jardim, Luiz Di Buriasco, Gabriel Martins, dentre outros. Para participar do evento, algumas personalidades partiram de Londrina em uma excursão, que foi transportada por automóveis e ônibus movidos a gasogênio ⁶.

6 Combustível empregado na região devido a falta de gasolina durante a recessão ocasionada pela II Guerra Mundial.



**10 de novembro de 1942.
Inauguração do Hotel
Campestre no vilarejo Maringá.**

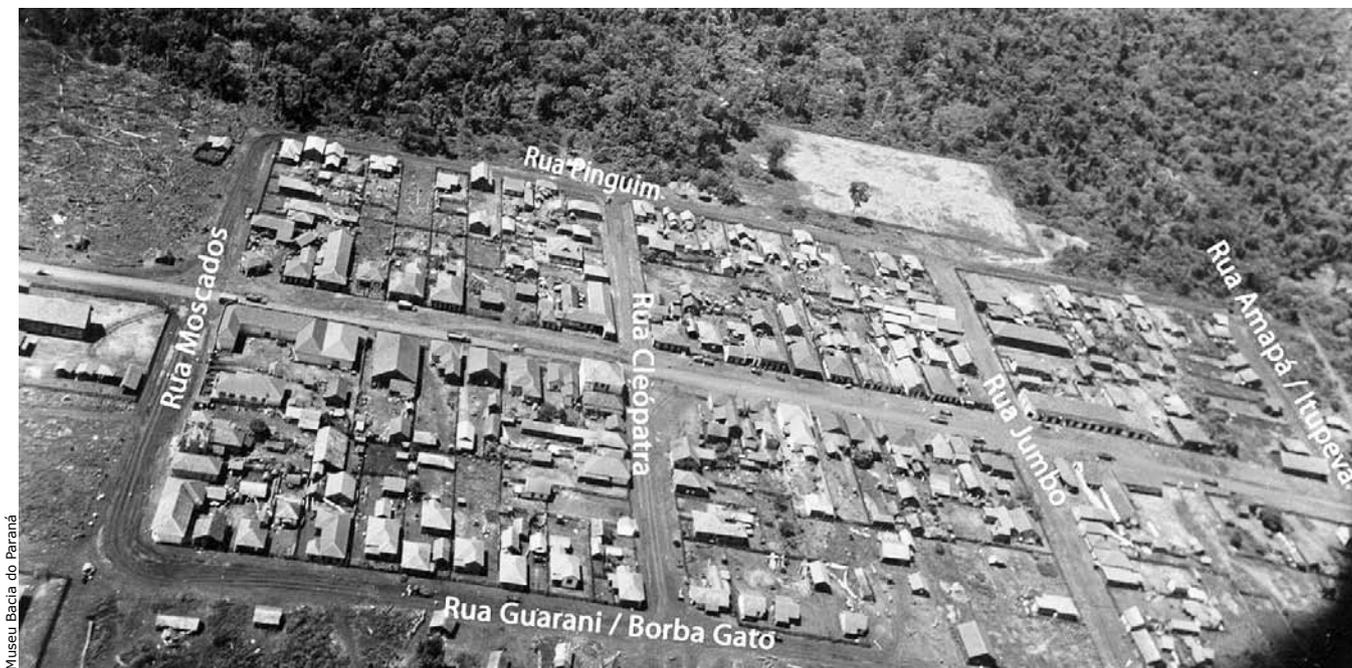


Esse núcleo inicial, o “Maringá Velho”, foi elaborado e desenhado por um engenheiro da Companhia de Terras.

Aristides de Souza Mello⁷ traçou as seis quadras, dando nomes às ruas que remetiam aos córregos próximos a elas. Entretanto, ao longo dos anos as vias tiveram suas razões alteradas:

- 1959 (Lei 3/59) – Rua Moscados foi alterada para Rua Santa Joaquina de Vedruna;
- 1964 (Lei 307/64) - Rua Jumbo foi alterada para Rua Dr. Lafayette da Costa Tourinho;
- 1965 (Lei 383/65) - Rua Amapá/Itupeva foi alterada para Rua Vitório Balani;
- 1966 (Lei 465/66) - Rua Cleópatra foi alterada para Rua José Jorge Abraão;
- 1968 (Lei 640/68) - Rua Pinguim foi alterada para Rua Antônio Carniel;
- 1972 (Lei 905/72) - Rua Guarani/Borba Gato para Rua Octavio Scramim.

⁷ Aristides de Souza Mello substituiu o então gerente da Companhia de Terras Norte do Paraná em Londrina, Willie da Fonseca Brabazon Davids, em 1942.



“Maringá Velho” e sua orientação viária histórica.

O Hotel Campestre em pouco tempo passou a ser conhecido como Hotel Maringá, devido a uma placa que demarcava o início/fim da cidade. Aquele espaço primário foi extremamente promissor e manteve diversos segmentos em pleno funcionamento durante décadas. Foram farmácias, cinemas, hotéis, pensões, casas de secos e molhados (antigos armazéns e mercados), relojarias, restaurantes, igreja, hospitais, campo de futebol, sedes de partidos políticos, oficinas, fábricas, alfaiatarias, padarias, fotos e diversos outros de que nem temos conhecimento. Era um ponto de grande movimentação humana.

Museu Bacia do Paraná

Interessante ressaltar que o primeiro prédio a ser erigido na cidade tinha somente um andar e foi inaugurado na década de 1940, na Avenida Brasil esquina com a então Rua Cleópatra (atual Rua José Jorge Abraão). O Edifício Langowski abrigou diversos comércios, dentre eles o Açougue São José e a Casa Lisboa. A estrutura, apesar de diversas modificações, ainda resiste ao tempo.



O empreiteiro da Companhia de Terras João Tenório Cavalcante foi um dos responsáveis por abrir clareiras no denso verde espalhado por esse território. Ele comandava uma equipe com centenas de pessoas, entre eles, lenhadores, caçadores, mateiros, caboclos, todos responsáveis pela derrubada das grandes árvores. O processo era simples e arriscado. Os homens atingiam o ponto exato que deveria ser desmatado, iniciavam o processo de corte, retirada dos troncos e tocos e ateavam fogo para efetivar a limpeza final.

Fotos/Gerência de Patrimônio Histórico de Maringá



A turma da derrubada no final da década de 1930. Um trabalho que exigia, além de grande esforço físico, certo conhecimento da vida selvagem. Confrontos com animais silvestres e doenças transmissíveis eram praticamente inevitáveis



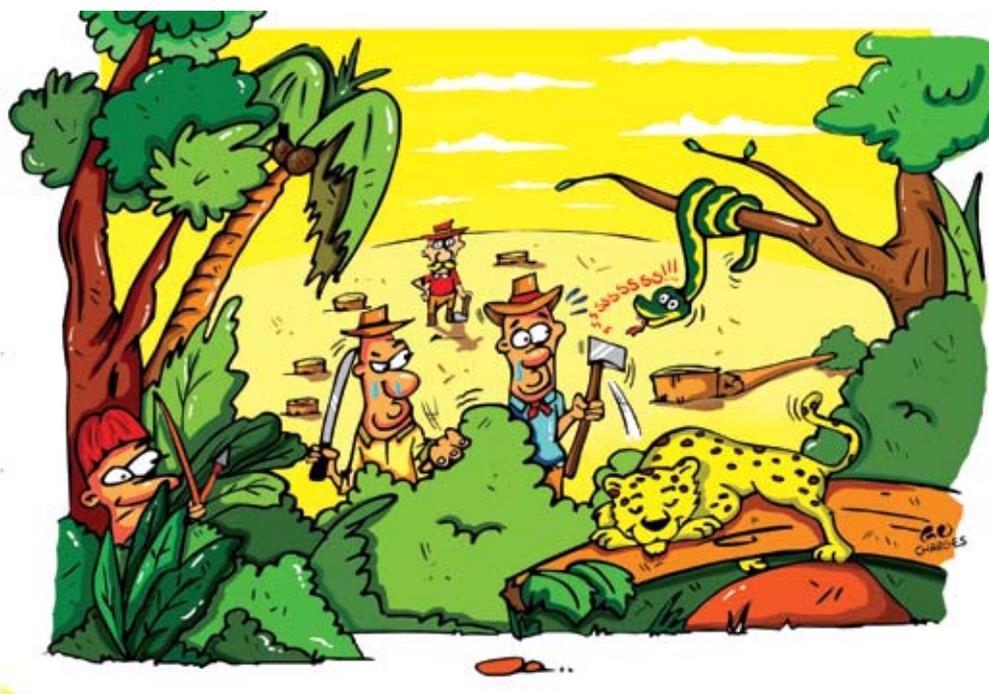
Além da Companhia, mais de quinze serrarias se instalaram em Maringá entre as décadas de 1940 e 1950. Elas também tiveram papel fundamental no desmatamento da malha urbana e rural.

Gerência de Patrimônio Histórico de Maringá



Serraria Brenner. Maquinário pesado e homens capacitados para o beneficiamento de toras.

Naquele período, o clima acentuado assolou os habitantes de Maringá. A poeira agravava as altas temperaturas que, devido à falta de arborização, atingia elevadas escalas. A lama também era resultado do rústico planejamento urbanístico. O plantio de espécies poderia auxiliar na drenagem da água para os lençóis freáticos. Sem as raízes das árvores para acelerar esse processo, o barro perdurava por dias até que a evaporação fosse executada na íntegra.





A Companhia de Terras Norte do Paraná, de propriedade inglesa, teve de ser colocada à venda em resultado das pressões do governo Vargas para a nacionalização da ferrovia. A saber, a colonizadora era possuidora da Companhia Ferroviária São Paulo-Paraná. Em 1942, **Gastão de Mesquita Filho** tratou de organizar um grupo de empresários brasileiros para dar o aporte necessário para a aquisição. Dentre eles estava Gastão Vidigal, fundador do Banco Mercantil de São Paulo e na época Diretor da Carteira Cambial do Banco do Brasil. Depois de diversos embates, em 1944 a empresa passou a fazer parte da relação de empreendimentos nacionais. Seus dirigentes optaram por manter na gerência o inglês Arthur Thomas, até 1949, quando foi substituído por Hermann Moraes Barros. O comando em Maringá ficou a cargo do suíço Alfredo Werner Nyffeler. Em 1951, a razão social da empresa foi alterada para Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP).



Avenida Brasil, entre o "Maringá Novo" e o "Maringá Velho". A poeira agravava as elevadas temperaturas



Avenida Brasil esquina com a Avenida Duque de Caxias. Após as chuvas, a lama tomava conta das vias

Em Maringá, desde o início, a colonizadora desejava transferir o núcleo urbano para uma região mais plana, que viria a ficar conhecida como “Maringá Novo”. Esse novo conceito, revolucionário, passou a ser concebido por seus diretores que se basearam na ideia de cidade-jardim de Ebenezer Howard, proveniente do final do século XIX. A empresa também alegou essa mudança devido a Estação Ferroviária, símbolo de progresso e desenvolvimento, que seria instalada nesse outro ponto da urbe.

Os engenheiros Gastão de Mesquita Filho e Cássio Vidigal esboçaram o que viria a se transformar em uma das cidades mais bem planejadas do Brasil. Posteriormente, o urbanista Jorge de Macedo Vieira⁸ foi convidado para, sem nunca vir à região, dar sequência e finalizar aquele ideal.

Acervo Jorge de Macedo Vieira



Jorge de Macedo Vieira

foi selecionado por empregar conceitos de bairro-jardim e cidade-jardim, vestígios do legado introduzido no Brasil pela Cia. City, fundada

em 1911 perante o envolvimento do francês Joseph Bouvard, alguns ingleses e brasileiros. No ano de 1912, essa empresa se instalou definitivamente em São Paulo, adquirindo diversos lotes para urbanizá-los por completo: construindo redes de esgoto, água encanada, iluminação pública, pavimentação de ruas,

parques, espaços públicos, praças.

Sob esse novo cenário, a Cia. City contratou os arquitetos ingleses Barry Parker e Raymond Unwin para conceber em São Paulo o Jardim América. Jorge de Macedo Vieira foi estagiário nessa empresa que elaboraria o primeiro bairro construído dentro dos moldes de cidade-jardim, que se opunha aos formatos das cidades caóticas de grandes populações e com poucos benefícios a grande massa.

Na vanguarda, a cidade-jardim planejava a urbe em subcentros, harmonizando-os com diversas utilidades, criando a ruptura necessária com os moldes estabelecidos durante as revoluções industriais (um único centro com casas estabelecidas em sua periferia). Além disso, a concepção determinava que cada bairro possuísse seu centro comercial, áreas de lazer e convivência social, bem como edificações erigidas sob critérios e padrões previamente estabelecidos, respeitando a topografia, as características socioambientais e os espaços verdes. As ruas bem desenhadas levavam em consideração a curvatura e declividade do terreno.

O vasto currículo e o lastro deixado como referência na capital paulista habilitaram Jorge de Macedo Vieira a executar o projeto de Maringá. Orientado sob as anotações dos engenheiros da Companhia de Terras, o urbanista debruçou sobre sua prancheta e tratou de imaginar a cidade do futuro.

⁸ Jorge de Macedo Vieira (1894-1978) graduou-se em engenharia pela Escola Politécnica da USP. Ele foi responsável pela elaboração dos traçados de bairros em Campos do Jordão, Campinas e Atibaia além de São Paulo: Vila Formosa, Vila Maria, Chácara da Moóca, Rolinópolis, Jardim da Saúde. Das cidades inteiras planejadas por ele, destacam-se Águas de São Pedro - SP, Cianorte - PR e Maringá - PR.

A cidade que nasceu da prancheta

Sem dúvida, o primeiro grande planejamento urbano, no contexto do moderno ideário britânico instituído no norte do Paraná, foi Maringá. Enraizada no centro do eixo das terras da Companhia, a cidade foi concebida pelos critérios e diretrizes de uma típica cidade-jardim.

Esse foi um dos projetos mais audaciosos que a colonizadora desenvolveu. Tanto que no lugar de ordenar os traçados para o seu Escritório Técnico, a CTNP transferiu a responsabilidade para um terceiro em 1943. O engenheiro e urbanista Jorge de Macedo Vieira estava em plena

maturidade profissional e, como havia atuado no início da carreira junto a Cia. City, trazia em seu currículo as primeiras experiências da projeção de bairros-jardins do Brasil. Tais fatos pesaram a seu favor.

Sem nunca vir a Maringá, Jorge de Macedo Vieira apresentou em 1945 a versão do anteprojeto da cidade aos diretores da Companhia de Terras Norte do Paraná. A empresa levou cerca de dois anos para implementar o desenho ao longo da gleba, inaugurando a cidade em 10 de maio de 1947.⁹

Museu Bacia do Paraná



Existem histórias pitorescas sobre os operários da CTNP que executaram as obras por Maringá. Rememoro o personagem inglês **Geoffrey Wild Diment**. O agrimensor foi o responsável por transformar o que estava nos mapas em realidade. Como ele era chegado em uma boa cachaça, não poupava tempo e entornava os goles durante o expediente. E como as ruas e avenidas ficaram perfeitas? Não ficaram. Uma grotesca falha pode ser percebida na Praça Rocha Pombo. Quem segue em direção centro-bairro tem a impressão de que a Avenida vai se afunilando no entorno da rotatória. Não é só impressão, a metragem variou mesmo. Seria resultado da “marvada”?

⁹ Maringá foi patrimônio de Londrina (1938-1943), de Apucarana (1943-1947) e distrito de Mandaguari (1947-1951), quando foi elevada a categoria de município em 14 de novembro de 1951. Em 1954, tornou-se sede da Comarca.

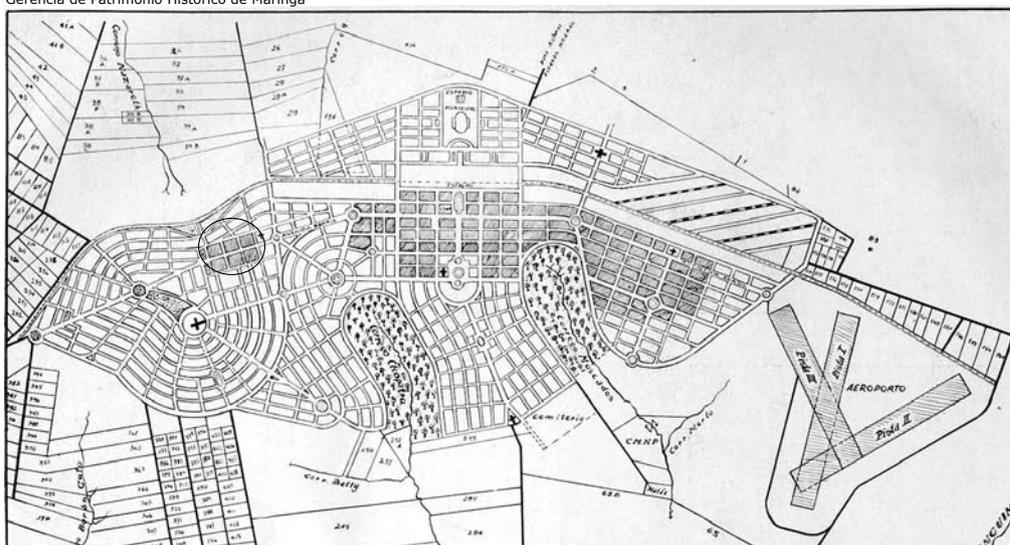
Em seu esquema, Macedo seguiu como linha mestra a estrada férrea, que corta o sítio de leste a oeste, e o eixo central¹⁰, de norte a sul. Ele desenvolveu um desenho que mesclou regularidade e irregularidade nas vias e formatou as quadras de acordo com o interesse estético, necessidade técnica e topográfica. Nesse sentido, diferente das cidades até então plantadas pela Companhia de Terras, Maringá buscou evitar problemas de ruptura e fragmentos no tecido urbano. Isto é, as vias seguiram a declividade dos terrenos e não o inverso. Vieira criou, dessa forma, ruas curvas e retas, conforme se constata no projeto original:

Museu Bacía do Paraná



No esquema a seguir, vemos a planificação detalhada de Maringá, não mais como ante-projeto, mas, sim, como uma realidade. Nela é possível constatar os pulmões urbanos, aeroporto e suas três pistas, estádio municipal, centro cívico, entre os demais. Do lado esquerdo, demarcadas, as seis quadras do núcleo inicial: “Maringá Velho”.

Gerência de Patrimônio Histórico de Maringá



10 Inicialmente, dentro do conceito desenhado por Jorge de Macedo Vieira, o Eixo Central (ou Monumental) estava estabelecido do Centro Cívico (atual Praça de Convivência, ao lado da Prefeitura Municipal) até a Estação Ferroviária de Maringá (que ficava localizada onde hoje está instalado o Terminal Urbano). Depois, como sugestão do engenheiro da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, Wladimir Babkov, o conceito foi estendido, passando a compreender os principais marcos da cidade: Estádio Municipal, Estação Ferroviária (demolido), Estação Rodoviária (demolido), Centro de Convivência e a Catedral.

A proposta inicial foi que a cidade abrigasse até 200 mil habitantes. Marca superada em 1991, quando o Maringá contabilizou 239.930 habitantes. Em 2010, o censo totalizou quase 360 mil municípios.

Jorge de Macedo previu a implantação de espaços verdes, que pudessem se transformar em parques resultantes da preservação de áreas nativas instaladas nas proximidades de córregos que drenam a área urbana. Nesse contexto, a Companhia de Terras instituiu em seus contratos de vendas de lotes a obrigatoriedade de o proprietário preservar 20% da mata nativa.

Em sua representação, Macedo salvaguardou duas grandes reservas naturais em pleno centro, obedecendo à legislação vigente de proteção a mananciais, de 1943. Espaços que viriam a se firmar como o Bosque II e o Parque do Ingá. Esses locais funcionaram (ainda funcionam) como pulmões purificadores, reduzindo a poeira, melhorando o escoamento dos níveis pluviais, bem como áreas de lazer. A presença de parques confere a modernidade e é tido como um elemento diferenciador dentre os projetos elaborados até então pela CTNP.

O “urbanismo inglês” implantado em Maringá estabeleceu os espaços públicos: praças, centro cívico, estação rodoviária e ferroviária, bairros, delimitações espaciais, estádio municipal¹¹, asilo, campos de aviação/aeroporto¹², hospitais, campos de esportes, instituto profissionalizante, parque infantil, áreas verdes, internato, escolas. Além dos espaços empresariais: vias de escoamento, zonas industrial e comercial.

Dentro dos 600 alqueires previstos inicialmente, as zonas foram divididas da seguinte forma: zona central, zona comercial, zona comercial principal, zona industrial, zona de armazéns, zonas residenciais e zonas verdes. O elo de conexão entre o rural e o urbano é estabelecido por meio de um cinturão verde ao redor da cidade.

O desenho criado era ímpar, pois houve uma concepção para a hierarquização viária, isto é, as avenidas foram elaboradas com 46, 35 e 30 me-

tros de largura, amparadas com refúgios centrais destinados à arborização e ajardinamento. Para as ruas principais, o que se previu foi a largura mínima de 20 a 25 metros. As ruas secundárias ficaram de 16 a 20 metros e as residenciais de 12 a 16 metros de largura. O centro da cidade foi tido como o coração, com suas veias de fluxo que circulam por todo o corpo urbano.

As principais vias de conexão entre os bairros e o centro eram a Avenida Brasil, Avenida Colombo e Avenida Mauá. Essa última foi destinada, inicialmente, à zona industrial, que tinha tanto acessos pela via como pela linha férrea, que cruza os fundos da avenida. Ainda, a Vila Operária estava muito próxima das fábricas desse ponto da cidade. A CTNP previu a redução dos preços em seus lotes a fim de facilitar a aquisição por parte dos operários.

As rotatórias foram inseridas a fim de dar velocidade ao fluxo de veículos e, em outro momento, foram ocupadas como praças para a socialização dos habitantes. Foi uma excelente oportunidade para o aproveitamento da gleba.

O espaço urbano de Maringá situou o centro geográfico em uma região plana e com acessibilidade rápida e eficiente. A questão de planificação, na época, arremetia a projetos conceituados e modernistas. Aliada ao conceito, a malha viária vinha de modo a garantir o escoamento dos produtos e a conexão entre outros núcleos. Para completar o ideal, a Companhia trouxe as facilidades de aquisição de seus lotes. Assim, a área que antes dava espaço a lama e a poeira, passou a ser disseminada como agradável, eficiente e moderna. A colonizadora utilizou-se disso em suas propagandas para a captação de investidores.

Maringá se diferencia das demais cidades elaboradoras pela Companhia de Terras¹³. As variações em sua planta são resultados das situações topográficas que acompanharam o delinear estético, privilegiando a formatação original do terreno. Com isso, propiciou-se a baixa declividade que teve como objetivo a redução em seus custos de manutenção.

11 Seis alqueires foram reservados para o estádio municipal.

12 Uma área de noventa alqueires foi destinada para o aeroporto. Dentro desse campo, o projeto de Macedo Vieira contemplou 3 pistas de 1.700 metros de comprimento por 200 de largura. Em verdade, somente duas foram concretizadas.

13 Com exceção de Cianorte, que também foi desenhada por Jorge de Macedo Vieira.

Paradoxalmente¹⁴, Jorge de Macedo Vieira deixou de fora do seu plano alguns bairros já instalados na malha urbana daquele período. Era uma região que não era rural e, por isso, não se justifica sua segregação. Essas exclusões ocorreram com a Vila Progresso, Vila Esperança, Vila Morangueira, Vila Santo Antonio, entre outras.



14 Paradoxalmente: opinião contrária à comum. Afirmção, na mesma frase, de um conceito mediante aparentes contradições ou termos incompatíveis.



**1958.
Avenida
Brasil,
próximo
da Avenida
Getúlio
Vargas**

As primeiras intervenções no propósito de Jorge de Macedo Vieira foram sugeridas no final da década de 1950, por meio do Código de Posturas e Obras (Lei 34/59), que delimitou a formatação da expansão urbana que ocorreria no decênio seguinte.¹⁵

Com essa alteração, o projeto inovador foi sendo descaracterizado. Houve, então, a conformação com a paisagem urbana. Ao invés de centros secundários próximos aos espaços comuns da comunidade, um espraiamento¹⁶ do comércio foi constatado ao longo das vias, o que se opôs ao ideal do urbanista.

Foi com essa lei que diversos loteamentos surgiram fora dos limites previstos. Mesmo possuindo espaços vazios dentro do centro, a exploração imobiliária explodiu nas imediações de Maringá. Com isso, o aparecimento de prédios se tornou inevitável. A supervalorização dos terrenos passou a ser uma realidade.

15 Maringá elegeu seu primeiro prefeito somente no final de 1952. Inocente Villanova Júnior ocupou o cargo até 1956. O segundo mandatário foi eleito: Américo Dias Ferraz. Esses oito anos iniciais da prefeitura podem ser considerados os mais complexos, devido aos embates entre o poder público e o privado (Companhia Melhoramentos Norte do Paraná).

16 Espraiamento: o mesmo que espalhar-se, estender-se ou alastrar-se.

Desde o início, o projeto de Vieira previu a segregação habitacional ao longo de Maringá. Criaram-se regiões residenciais mais próximas ao centro (Zonas 1 e 2) e áreas populares às margens da Zona Industrial (Zona 3, Vila Operária). Com o passar dos anos, essa divisão se acentuou e abriu lacunas para a instalação de problemas sociais. Como as favelas, por exemplo.

Apesar da expansão imobiliária, comercial e industrial, o Plano Diretor de Maringá só foi elaborado em 1967 (publicado em 1968). Caracterizando a cidade como “exemplo nacional” e capital regional, destacou-se a necessidade de seguir o mesmo plano urbanístico da recém-fundada capital federal: Brasília.¹⁷ Foi com essa normativa que vinte e sete loteamentos, considerados irregulares até então, foram incorporados ao projeto urbanístico.

Companhia Melhoramentos Norte do Paraná



“Interessante que a concepção de Brasília, que foi justamente o eixo longitudinal – asa norte, asa sul; e o eixo transversal que é a Avenida dos Poderes. (...) foi até certo ponto uma reprodução de Maringá, que (...) foi anterior (...). Nós temos aqui a Avenida Brasil que é o grande eixo longitudinal (...); e depois um grande eixo transversal que é a Avenida Getúlio Vargas que de um lado tem a Catedral e do outro lado a Universidade.”

Anníbal Bianchini da Rocha

Mesmo finalizado 20 anos após a fundação da cidade, o Plano Diretor de Maringá estabeleceu estreitos laços entre Jorge de Macedo Vieira e Oscar Niemeyer. As regiões, apesar das diferenças climáticas, são similares no quesito social da época do seu desbravamento: mata densa, colonização, expansão de fronteiras agrícolas e novos padrões urbanísticos. É certo que essa similaridade foi resultado da mídia e um aproveitamento do poder público de comparar nossa região com um marco nacional. Dez anos mais tarde, em 1977, o segundo Plano Diretor de Maringá passou a ser elaborado sob a coordenação do arquiteto Nildo Ribeiro da Rocha.

As linhas mestras de Gastão de Mesquita Filho e Cássio Vidigal confinaram em um dos projetos urbanísticos mais modernos do período. Jorge de Macedo Vieira oportunizou-se de sua vasta experiência em desenvolvimento de cidades e bairros-jardim para erigir outro conceito para as cidades plantadas pela CTNP/CMNP.

¹⁷ Brasília foi inaugurada em 21 de abril de 1960, sob o desejo do então presidente da república Juscelino Kubitschek de construir uma nova capital federal. O plano piloto foi elaborado por Lúcio Costa e aperfeiçoado por Oscar Niemeyer. Até então, o Rio de Janeiro (1763-1960) ocupava o cargo de capital federal, antes, sob responsabilidade de Salvador na Bahia (até 1763).



**Vista aérea de Maringá do final da década de 1960.
Um claro exemplo de cidade-jardim**

Inicialmente, quando a colonizadora passou a implantar o projeto em Maringá, não encontrou dificuldades junto ao poder público, até porque, a região estava sob jurisdição de outros municípios. Contudo, com sua emancipação política em 1951, a Companhia Melhoramentos enfrentou atritos para a execução de seus projetos urbanos junto a Prefeitura Municipal.



**O Bosque das
Essências**

Em meados de 1958, Hermann Moraes Barros, diretor gerente da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, elaborou uma série de artigos que criticaram certas posturas da administração do então prefeito Américo Dias Ferraz (1956-1960). Américo encontrou uma forma de se vingar. Como a colonizadora cultivava um bosque de essências nativas (perobas, cedros, palmitos, marfins, alecrins, canjaranas, entre outras) na Praça Napoleão Moreira da Silva, o prefeito convocou os funcionários municipais para retirarem essa área verde durante a madrugada. No dia seguinte, para a surpresa de todos, o bosque havia sido dizimado.



Museu Bacia do Paraná



O fim do Bosque das Essências

Um pouco antes desses embates políticos, pairava um grande problema a ser solucionado: a Companhia havia desmatado toda a área urbana e isso impactou diretamente em problemas socioambientais. Mais do que urgente, era necessário planejar o plantio de espécies de crescimento rápido. Desta forma, o segundo passo do arrojado ideal foi colocado em prática.

Nas duas primeiras gestões da prefeitura, debates foram travados entre a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná e o Poder Público local. A pauta era direito de propriedade, impostos e as responsabilidades com relação a Maringá. Inocente Villanova Júnior e Américo Dias Ferraz, ambos eleitos por um processo democrático, representavam, acima de tudo, o povo. A Companhia Melhoramentos, por sua vez, representava o direito privado.

Um dos embates mais acalorados estava relacionado aos impostos dos lotes que a colonizadora possuía na cidade e que deveria recolher junto ao município. Existiram outros, como, por exemplo, a utilização de espaços, teoricamente, públicos, como bens particulares. Esse foi o caso da Praça da Rodoviária, hoje Napoleão Moreira da Silva.

O certo é que tanto Inocente quanto Américo desenvolveram projetos importantes. Não podemos esquecer que eles foram os primeiros prefeitos. Iniciaram as atividades, praticamente, do zero. Naquele período, politicamente falando, estava tudo por fazer. Era necessário estabelecer limites ao empreendimento privado constituído na cidade. A partir de 1951, Maringá já era um município emancipado.

Inocente Villanova Júnior implantou em sua gestão (1952-1956) uma política de instalação de escolas, inclusive em zonas rurais, iluminação pública, estabelecimento de normas para o recolhimento dos impostos, postos de saúde, contratação dos primeiros funcionários da prefeitura, entre outras ações. No final de seu mandato, foi acusado de se beneficiar do dinheiro público. Isto é, como era proprietário de uma serraria e posto de combustíveis, ele servia o município com itens de suas empresas. O que quase lhe custou o cargo público.

Américo Dias Ferraz é um caso a parte. Foi um típico colono retirante que chegou pobre pela região e em pouco tempo se transformou em um rico comprador de café. Caipira, utilizou-se da identificação da grande massa com a sua figura, adquiriu uma motoniveladora e fez sua campanha dessa forma: empreendendo benfeitorias pela cidade. Figura pitoresca da política local, Américo desenvolveu projetos benéficos para Maringá: instalação do Corpo de Bombeiros, início da construção de uma arrojada rodoviária a época (atualmente, o prédio que levava seu nome foi demolido). Américo era, antes de tudo, um homem com personalidade forte. No final de sua gestão, após discussões com a Companhia Melhoramentos e outros entraves, encerrou seu mandato despachando de seu escritório no “Maringá Velho”.

Há essa necessidade de ressaltar a importância dos dois primeiros prefeitos de Maringá. Eles desenvolveram projetos importantes e de cunho emergencial. Eram épocas difíceis para a consolidação do Poder Público em uma região, até então, gerida por uma colonizadora.



Annibal Bianchini da Rocha criticou a drástica poda do Bosque das Essências. Fonte: O Jornal de Maringá - 30 de outubro de 1959



Praça Napoleão Moreira da Silva, 1962. A antiga Praça da Rodoviária, que outrora abrigou o “Bosque de Essências”, foi nomeada Praça Napoleão Moreira da Silva em 4 de maio de 1957 (Lei 32/1957). A inauguração oficial deste local ocorreu a 10 de maio de 1962 por meio de uma parceria entre a Companhia Melhoramentos e a Prefeitura de Maringá

www.alisul.com.br



Super Premium Frost

Natural Fish & Rice



-  **Hipoalergênica**
Com peixe, sem soja e milho
-  **Com Antioxidantes Naturais**
Extrato de Alecrim
-  **Auxílio na Digestão do Alimento e na Saúde Intestinal**
Polpa de Beterraba, MOS, FOS e Probiótico
-  **Saúde de Pele e Pelos**
Ácidos Graxos Ômega 3 e 6

SUPRA
QUALIDADE EM PET FOOD

Fone: (44) 2101.2660
Sac@alisul.com.br

Nos preocupamos com o meio ambiente e com a alimentação do seu melhor amigo:
Frost Natural Fish & Rice, a natureza em forma de alimento.



O Horto Florestal e os pulmões de Maringá

“Eu projetei aqueles parques com o seguinte sentimento: de mostrar às gerações que viessem depois, quando a cidade estivesse construída, o que era Maringá antes da cidade.”

Jorge de Macedo Vieira

Horto Florestal

Posteriormente ao projeto de Jorge de Macedo Vieira, a Companhia de Terras Norte do Paraná tratou de contratar o engenheiro agrônomo Luiz Teixeira Mendes para desenvolver o sistema de reintrodução de árvores no meio urbano das cidades ao norte do Estado.

Esse processo pode ser caracterizado como parte intrínseca ao projeto urbanístico de Jorge de Macedo Vieira. Nele são inseridos os quesitos ambiental (fornecimento de sombra e redução das ilhas de calor), ecológico (inclusão da natureza), estético (embelezamento das vias), funcional (forma de orientação) e artístico (composição de espécies com flores multicoloridas).



Luiz Teixeira Mendes nasceu em 7 de dezembro de 1883 no estado de São Paulo. Integrou uma das primeiras turmas do curso de Agronomia da Escola Agrícola Prática de Piracicaba. Com especialização em botânica e silvicultura, se tornou professor de horticultura, em 1908, deste mesmo centro de ensino. Participou, nesse início de carreira, da implantação do parque da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, na mesma cidade.

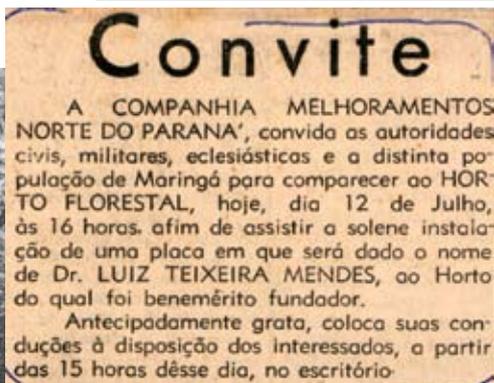
Dr. Luiz, como ficou conhecido, atuou por décadas como Chefe do Serviço Florestal de São Paulo, departamento ligado à Secretaria de Agricultura. Como tinha parentesco com Hermann Moraes Barros, que veio a se tornar diretor gerente da Companhia, Mendes visitou Maringá por algumas

oportunidades no final da década de 1940.

Na cidade, o seu primeiro trabalho foi a elaboração do Horto Florestal, local de cultivo das primeiras mudas de árvores que seriam reinstaladas. A CTNP deu o suporte necessário para que o projeto fosse levado adiante. Uma grande equipe de funcionários foi disponibilizada e todo o aparato solicitado era prontamente atendido.

Dr. Luiz faleceu aos 74 anos, em 1957, deixando seu legado na cidade que ficou conhecida como “Cidade Verde”. O Horto Florestal, elaborado por ele, passou a emprestar seu nome, como uma justa homenagem ao homem que nos “arborizou” com seus ideais.

Além da reserva de mata nativa, a antiga Avenida Independência passou a se intitular Avenida Dr. Luiz Teixeira Mendes em 1958 (Lei 115/58), ficando somente com a denominação original ao longo do trecho que se estende da Praça 7 de Setembro à Praça dos Expedicionários. Uma lembrança do homem que, quando questionado sobre assuntos relacionados a arborização, dizia: “Os homens passam, as árvores ficam”.



Fonte: O Jornal de Maringá - 12 de julho de 1958

Museu Bacia do Paraná



Entrada do Horto Florestal. A placa abaixo do portal feito com rústicas toras dizia “plantar boas árvores é uma das formas mais expressivas de servir a pátria e a humanidade”

O Horto Florestal, com 368.300 m², foi criado com uma ambição muito além das expectativas dos diretores da Companhia. Luiz Teixeira Mendes o planejou para que se tornasse o Instituto Científico de Estudos de Botânica Regional. Isto é, o cultivo de espécies que pudessem auxiliar na arborização homogênea e com crescimento uniforme em diversas cidades.

Na sequência, em registro feito pela equipe de fotografia e filmagem da Companhia de Terras Norte do Paraná, raras imagens do passo a passo dos operários que atuaram dentro do Horto Florestal, em outras palavras o Viveiro da colonizadora.

Fotos/Museu Bacia do Paraná



**O
preparo
da terra**



**Bases
hidratadas
para
receberem
as sementes**



Plantio cuidadoso das espécies



**As mudas eram retiradas para replantio em
outras áreas dentro do Horto**

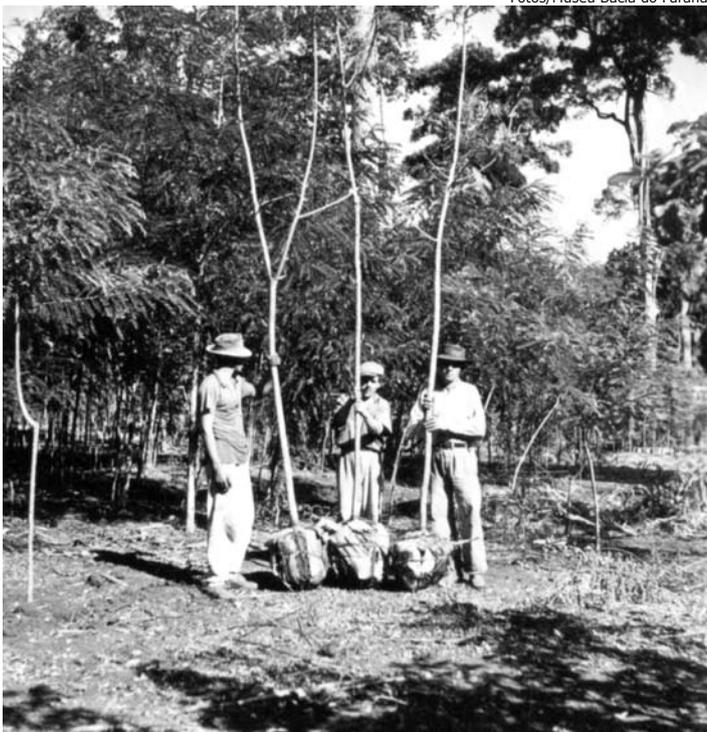


O desenvolvimento de uma das muitas espécies: Palmeira Imperial



Plantas em fase de desenvolvimento

Fotos/Museu Bacia do Paraná



Fase final de cultivo, prontas para serem instaladas pela cidade



MARINGÁ TEM JORNALISMO DE NÍVEL NACIONAL.

CBN MARINGÁ RECEBE MAIS 2 IMPORTANTES PRÊMIOS:

1º LUGAR
CATEGORIA RADIOJORNALISMO
3º PRÊMIO SEBRAE DE JORNALISMO

1º LUGAR
CATEGORIA RADIOJORNALISMO
10º GRANDE PRÊMIO AYRTON SENNA DE JORNALISMO

CBN
MARINGÁ 95.5 FM
A RÁDIO QUE FOCA NOTÍCIA

“Quando eu fechar os olhos para sempre, morrerei com a consciência do dever cumprido”.

Luiz Carlos Rizzo

Paulista de Santos, onde nasceu em 1928, Anníbal Bianchini da Rocha, o Jardineiro de Maringá, era casado com Aparecida Tereza Azevedo da Rocha. Aos 78 anos, deixou os filhos Carmen Lúcia, Antonio Carlos, Júlio e Anníbal, dez netos e dois bisnetos. Faleceu no dia 17 de março de 2007, na cidade que tanto amou e a ela dedicou sua vida: Maringá.

Bianchini chegou aqui em 1952, depois de comprar, dois anos antes, cinco alqueires para o plantio de café em Uniflor, cidade 50 km distante de Maringá.

Engenheiro-agrônomo, trabalhou por mais de meio século na Companhia Melhoramentos Norte do Norte. Iniciou como auxiliar do engenheiro agrônomo Luiz Teixeira Mendes.

Como Teixeira Mendes era muito idoso, coube a Bianchini executar o projeto de arborização. Comandou este trabalho até 1972. Depois, por muitos anos, atuou como consultor e participante da instalação do Parque do Ingá, o principal santuário ecológico da cidade.

Seu amor por Maringá ia além da ferrenha defesa do verde. Foi o primeiro presidente da Santa Casa de Misericórdia, integrou a diretoria da Sociedade Rural de Maringá, presidiu a Cooperativa de Laticínios de Maringá (COLMAR), foi cooperado e fez parte do Conselho de Administração da COCAMAR. Também participou dos Conselhos Consultivos do IBC (Instituto Brasileiro do Café) e do Instituto Agrônomo do Paraná (IAPAR).

Mas, foi na presidência do Sindicato Rural de Maringá que mais se destacou como líder rural. Por 33 anos exerceu a função, onde liderou memoráveis campanhas em favor do campo.

Além de Cidadão Benemérito de Maringá, em junho de 2003, Anníbal Bianchini da Rocha recebeu o título de Cidadão Benemérito do Paraná. Se, em vida, Bianchini teve o reconhecimento público, fica agora o exemplo de cidadão compromissado com a sua comunidade.

Homem de fé, crença no ser humano, coragem e ousadia de pioneiros que ajudaram a construir a terceira mais importante cidade do Paraná e modelo de arborização e verde para o país.

Flamma Comunicação



Geraldo Pinheiro da Fonseca, amante da natureza

Lídia Maria da Fonseca Maróstica

Todo homem, para se sentir completo, planta uma árvore, escreve um livro e tem um filho. Se for verdadeiro este dito popular sobre a realização do ser humano, Geraldo Pinheiro da Fonseca cumpriu seu papel. Teve três filhos, escreveu um livro e plantou muitas árvores que hoje encantam, orgulham e enobrecem a cidade de Maringá.

As sementes das primeiras espécies plantadas em Maringá passaram por suas mãos. Porém, acredito que plantar muitas árvores foi um grande desafio, maior até do que no ano de 1946, quando foi motivado por uma reportagem: propaganda da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), veiculada na Rádio Nacional, que dizia: “Vá conhecer o Norte do Paraná... e depois mande buscar a família”. E assim o fez. Saiu da cidade de Curvêlo, norte de Minas Gerais,

onde trabalhava com produção de mudas para reflorestamento na fábrica Maria Amália, do Grupo Otton Bezerra de Melo, e veio conhecer primeiro o escritório da CTNP em São Paulo, onde foi admitido como funcionário e encaminhado para Londrina e logo em seguida para Maringá. Iniciou seu trabalho demarcando lotes de terra no sertão que ora se abria.

Com a vinda do Dr. Luiz Teixeira Mendes a Maringá para fundar o Horto Florestal e planejar a arborização da cidade, havia a necessidade de contratar um encarregado de serviços e, como a gerência da CTNP já conhecia o histórico de Geraldo com produção de mudas, o convidou para prestar serviços junto ao Horto Florestal.

Geraldo dizia que em Maringá tudo acontecia no tempo certo, porque, desde o início, todos os pioneiros que para cá vieram deixaram jorrar de dentro de si o compromisso de construir uma cidade cujo alicerce estava sendo sedimentado sob a luz de muita agitação, dedicação e sacrifício, seguido do prazer de ver que a cidade crescia sólida.

Após sair da Companhia, Geraldo montou o seu próprio viveiro. Ele faleceu em 11 de fevereiro de 1998. O Lions Club Internacional o homenageou com a outorga da Comenda de Honra ao Mérito Leonístico ao lado da imponente seringueira-falsa na Praça Napoleão Moreira da Silva, cultivada por ele mesmo.

O verde das árvores de Maringá não é meramente um tom que predomina nesta cidade, consiste também na cor da bandeira de nossa família, pois significa muito mais que o slogan: “Maringá Cidade Verde”. Carrega junto à sua seiva o DNA de um pioneiro: Geraldo Pinheiro da Fonseca, cujas sementes ainda germinam na pessoa de sua filha Lídia Maria da Fonseca Maróstica, bióloga mestre em Gestão Ambiental, funcionária da Secretaria Municipal de Meio Ambiente e sua neta, Fernanda Beatriz Maróstica, arquiteta, urbanista e paisagista, mestre em análise ambiental.

Acervo Pessoal



**Geraldo
(de óculos)
ao lado
do amigo
no Horto
Florestal**

O assistente de Luiz Teixeira Mendes foi selecionado anos mais tarde. Anníbal Bianchini da Rocha aportou em Maringá em 1952. recém-formado pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, a mesma que teve o seu parque planejado por Teixeira Mendes, o jovem engenheiro agrônomo veio para a região em busca de novas oportunidades. Depois de adquirir alguns lotes na região, foi convidado para exercer sua função de formação acadêmica na Companhia Melhoramentos Norte do Paraná.

Ao lado do parceiro de trabalho, Dr. Luiz viajou para várias regiões em busca das mais diversas mudas e sementes para testes de adaptação em Maringá. A cidade foi arborizada nesse contexto, com espécies de várias origens.

Ao lado de Anníbal Bianchini e Luiz Teixeira Mendes, Geraldo Pinheiro da Fonseca

executou seu trabalho. Esse último foi o responsável pelo plantio das mudas. O primeiro jardineiro da cidade foi Altino Cardoso, que chegou em 1948. Braulino Pereira foi um dos primeiros funcionários do Horto Florestal.

A fim de simbolizar o reflorestamento empenhado pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, um plantio ao ar livre foi feito por autoridades locais e estaduais. O evento ocorreu em 10 de maio de 1953, durante as festividades do 6º aniversário da cidade.

Aparecem na imagem, da esquerda para a direita: Arlindo de Souza, Inocente Villanova Júnior (então prefeito, gestão 1952-1956), Bento Munhoz da Rocha Neto (então governador), Hermann Moraes Barros (diretor gerente da CMNP), Gastão de Mesquita Filho (presidente da CMNP - abaixado, colocando a terra com a pá) e Luiz Teixeira Mendes.

**EDUCAR É A MELHOR
MANEIRA DE PRESERVAR.
NÓS PARTICIPAMOS
DESTA HISTÓRIA!**





10 de maio de 1953: plantio feito por autoridades locais e estaduais

A Universidade Estadual de Maringá (UEM) não forma apenas o profissional para atuar na sociedade visando o bem comum da população. Ela forma o cidadão e a cidadania se manifesta por meio de participação. A UEM dá a sua contribuição para a cidade quando trabalha para ser 100% sustentável, a começar pela criação de uma comissão ambiental na Universidade.

Além dos diversos projetos que a instituição desenvolve com foco no meio ambiente, é de se destacar a atuação da UEM no Parque do Cinquentenário, área concedida pela Prefeitura. Ali, a UEM vai desenvolver o plano de manejo da reserva, num conjunto de intervenções que promoverão a conservação biológica.



**UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE
MARINGÁ**



Avenida Brasil quase esquina com a Avenida Duque de Caxias. As mudas ainda com a proteção do cercado de madeira



Avenida Duque de Caxias ao lado da sede da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná



Avenida Getúlio Vargas



Avenida Duque de Caxias. O verde passou a tomar conta das vias. A sombra, enfim, era parte do cotidiano dos habitantes

ANS - n.º 371154

Respeitar o **Meio**
Transforma o nosso **Ambiente**



Para a Unimed, cuidar da natureza faz bem à saúde.



www.unimed.com.br/cdm

Unimed 
Maringá

Anníbal Bianchini ficou à frente do projeto paisagístico de Maringá até o início da década de 1960, quando a responsabilidade foi transferida para o município, durante a gestão do então prefeito João Paulino Vieira Filho (1960-1964). Apesar disso, continuou dando consultoria e orientando o Poder Público.

Nessa transição, o projeto de arborização seguia um elaborado critério de prazos para o plantio e tratamento das árvores ao longo das ruas e avenidas. Para esse fim, a Companhia Melhoramentos mantinha uma estrutura física e corpo técnico extremamente capacitado para o fornecimento de milhares de mudas por ano.

Imagens do Horto Florestal da década de 1940/1950:

Fotos/Museu Bacia do Paraná



Atualmente, o Horto Florestal está fechado para visitação. Com relação ao trato do paisagismo de Maringá, a responsabilidade ficou a critério do Poder Executivo.



Horto Florestal - Década de 1960

Maringá

é considerada uma das cidades mais arborizadas do Brasil, por isso ganhou o título de **Cidade Verde**. O **CESUMAR**, através do **Censo da Árvore**, deu uma grande contribuição à preservação das espécies em nossa cidade.

SEJA UM CIDADÃO CONSCIENTE. AJUDE A PRESERVAR!



Parque do Ingá

Os dois pulmões urbanos, posteriormente nominados Parque do Ingá e Bosque II, planejados por Jorge de Macedo Vieira, funcionaram como exímios purificadores naturais do ar, além de se tornarem excelentes espaços para o lazer da população.

Em 1969, iniciaram-se estudos para a incorporação de uma área verde ao cotidiano dos maringaenses. Sob a consultoria e orientação de Anníbal Bianchini da Rocha, a Prefeitura Municipal inaugurou o Parque do Ingá¹⁸ em 10 de outubro de 1971, na gestão do então prefeito Dr. Adriano José Valente (1969-1972). Com 474,3 mil m², lago artificial, sete quilômetros de pavimentação em paralelepípedo (que foram retirados da Avenida Brasil), parte da mata nativa foi preservada pelo processo de urbanização em respeito à lei de proteção aos mananciais. Isso porque em seu interior está localizado o córrego Moscados. Essa nascente teve de ser represada para estabelecer um grande lago a fim de ocupar a clareira.

Um espaço social destinado às massas. O ponto de encontro de casais, famílias, jovens, crianças. Aos domingos o parque era tomado por milhares de pessoas que passavam o dia à beira do lago, apreciando os animais e os pássaros. Era denominado o “Clube do Povo”.

Gerência de Patrimônio Histórico de Maringá



¹⁸ Inicialmente, ficou conhecido como Bosque I ou Bosque Dr. Etelvino Bueno de Oliveira. A Lei Municipal 880/1971 o oficializou como Parque do Ingá.



Imagens do interior do Parque do Ingá em 1971

O Jardim Japonês no interior do Parque do Ingá foi fundado em junho de 1978. A obra nipônica foi uma homenagem ao então príncipe do Japão Akihiro e sua esposa, que estavam em visita ao país e passaram por Maringá.

No 70º aniversário da Imigração Japonesa no Brasil, em 20 de junho de 1978, o Príncipe Akihito (hoje Imperador) e a Princesa Michiko estiveram em uma visita oficial a Maringá. A agenda deles incluiu a inauguração do Jardim Japonês do Parque do Ingá e o lançamento da pedra fundamental da Associação Cultural e Esportiva de Maringá (ACEMA). Quem acompanhou os herdeiros do trono do Japão, além das autoridades locais e estaduais, foi o então presidente do Brasil Ernesto Geisel.

Kenji Ueta



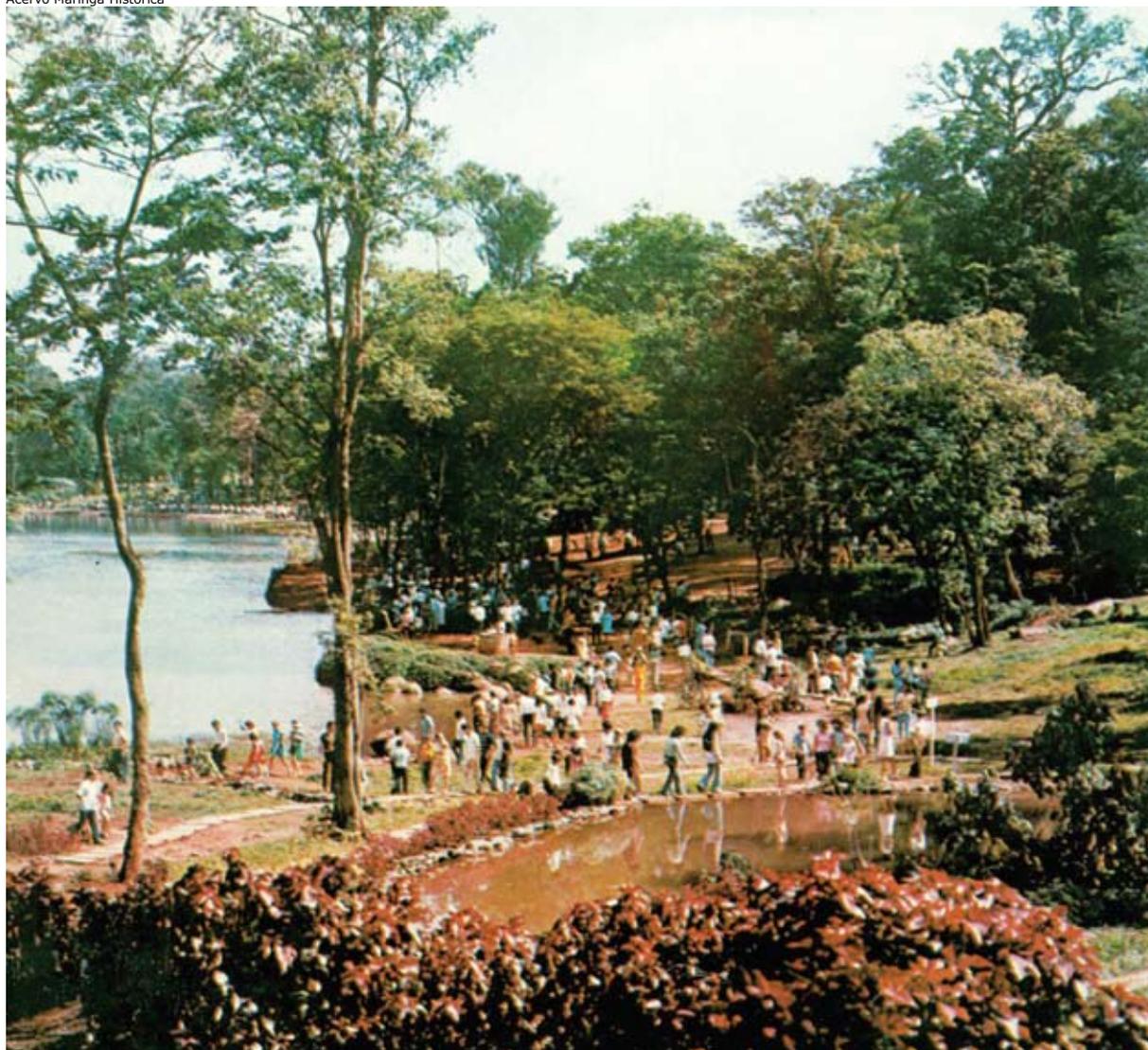
Antes de chegar a Maringá, o Príncipe e a Princesa passaram por Brasília, São Paulo, Londrina e Rolândia.

Na tarde de 20 de junho, eles chegaram e foram direto para o Parque do Ingá, a fim de inaugurar o Jardim Japonês. Ao longo do caminho, diversos estudantes os receberam com bandeiras do Japão e do Brasil. Na ocasião, 10 mil delas foram distribuídas. O casal pernitoou no Hotel Bandeirantes, o mais luxuoso da época. Um quarto foi especialmente elaborado para a ocasião.

Segundo informações, a Princesa Michiko teria pedido para a comitiva parar em frente à Igreja São José da Vila Operária para fazer reverência a um belo Ipê Roxo. Contudo, recentemente, informações negam o dito. Ela não teria descido do carro e nem pedido para a comitiva parar, simplesmente, achou o exemplar exuberante.

No dia 21 de junho de 1978, ainda pela manhã, o casal imperial regressou ao Japão.

Acervo Maringá Histórica



Interior do Parque do Ingá em 1972

O zoológico foi elaborado para abrigar os poucos animais que eram apreendidos na região ou doados pela própria população. Mas o número de espécies silvestres aumentou sem que a estrutura fosse ampliada. Recentemente, depois de manifestações contrárias ao seu funcionamento precário, o espaço foi desativado.

Muito bem elaborado, o interior da área de preservação natural mantinha uma gruta, a qual foi preenchida com a imagem de Nossa Senhora Aparecida, que foi trazida pelo então governador do Paraná Haroldo Leon Peres. Esse espaço religioso fica localizado ao lado do lago das lavadeiras. Por um longo período, a gruta ficou abarrotada de cartas e oferendas em razão das “graças alcançadas”.

Acervo Maringá Histórica



Folha de Londrina de 12 de abril de 1973

Em 1973, a Rede Viação Ferroviária Paraná-Santa Catarina doou a locomotiva Tender n.º 608, que havia inaugurado a Estação Ferroviária de Maringá em janeiro de 1954. Ela foi transportada até o interior do Parque do Ingá para exposição. Contudo, somente em 1984 seu abrigo foi edificado.

No ano de 1975, uma cancha de bocha foi inaugurada no interior do Parque do Ingá. Por ter sido construída de madeira, em pouco tempo atingiu o estado deplorável de conservação e teve de ser fechada.

E o que falar dos pedalinhos? O ancoradouro e a lanchonete foram construídos em 1984 e contavam com sanitários públicos e uma grande churrasqueira para confraternizações. Era um de seus grandes atrativos até o início dos anos 2000, quando o parque entrou em processo de reestruturação física e adaptação ambiental. Esses espaços passaram por reformulações.



Ancoradouro dos pedalinhos na década de 1980

Em 1991, o Parque do Ingá foi transformado em área de preservação permanente por meio da Lei Orgânica Municipal (art. 174, de 17/04/1990).

Apesar do espaço não se categorizar legalmente como um Parque Municipal, ele tem funcionado tanto como uma área de conservação quanto de recreações intensas. Oficialmente, um Parque Municipal deve constituir o tipo de unidade de conservação com o objetivo de conciliar usos científicos, educativos e recreativos com a preservação de seu ambiente natural. Ou seja, estudos que proponham as melhores opções de manejo e adaptação perante o crescimento urbano.

É irrefutável a importância do Parque do Ingá para o usufruto e lazer da população. Segundo a administração da área de preservação, estima-se que, quando em pleno funcionamento, mais de um milhão de pessoas por ano visitam o local. Sem levar em conta os atletas que caminham e praticam corridas nas pistas em volta de todo o seu perímetro.

Valdir Carniel



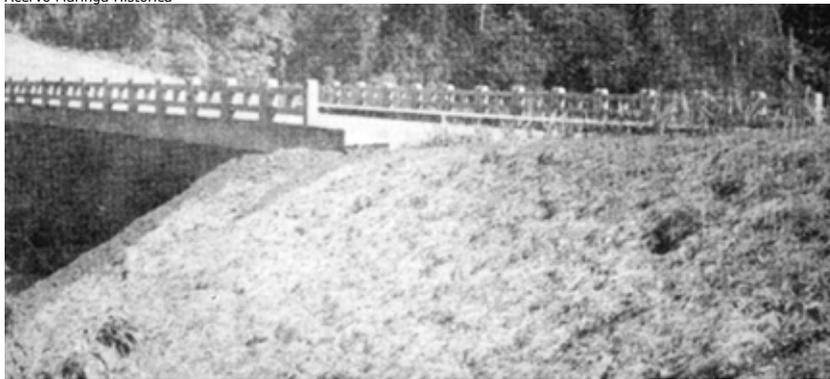
Bosque II

Instalado em uma área de 594,4 mil m², também traçado sob os critérios de preservação de mananciais, o Bosque II está situado entre as zonas 2 e 4 e desde 1982 (Lei 1556/82) é caracterizado como área de preservação permanente. O córrego Cleópatra cruza parte do seu espaço.

A Câmara de Vereadores ensaiou a instalação de um Jardim Botânico no interior do Bosque II em 1968. O que não ocorreu.

No ano de 1976, o espaço sofreu uma baixa significativa em seu verde. Em 18 de abril, uma pista de MotoCross foi instalada. Em 26 de junho, a via perimetral sul Juscelino Kubistchek foi inaugurada. Essa avenida, com oito quilômetros de extensão, passou a cruzar o Bosque II, o que, até então, era efetuado por uma ponte que sobrepunha o córrego Cleópatra, ligando a zona 2 a zona 4.

Acervo Maringá Histórica



A ponte sobre o córrego Cleópatra foi construída durante a gestão do então prefeito Dr. Luiz Moreira de Carvalho (1964-1968)

Valdir Carniel

Em 1983, o Bosque II foi declarado Parque Florestal dos Pioneiros (Lei 649/83). Um ano mais tarde, sem observar as normativas de preservação ambiental, foi proposta a instalação de um Centro Cultural. Nesse amplo complexo arquitetônico previu-se a implantação de galerias de águas pluviais, dissipadores de energia, plantio de árvores, construção de teatro, museu, espaço para convenções e biblioteca pública, além da concessão para um hotel cinco estrelas pelo prazo de vinte anos. A mega construção ficou só no papel.

No início de 1990, a Prefeitura Municipal iniciou o Plano de Manejo do Bosque II. Essa estratégia, entre outras análises, previu a construção de um centro de visitação, trilhas, mirante, ponte pênsil sobre o córrego Cleópatra, praça e quiosques em seu interior, passarela até o lago e uma pista para caminhadas em torno do parque. De todos, somente o último item foi constituído. Os demais aguardam recursos estaduais e federais.

Uma Usina do Conhecimento foi instalada na margem da mata no ano 2000. É um espaço destinado a pequenos cursos e treinamentos. Apesar de uma zona de preservação permanente, edificações foram construídas nesse espaço protegido por lei. Obras que se opõem ao seu próprio plano de manejo.



Educar para preservar

Marcos Capellazzi
Presidente do Instituto da Árvore

Como todo ser vivo, as árvores das cidades se desenvolvem, se tornam adultas, envelhecem e morrem. Cumpririam seu ciclo natural não fosse, eventualmente, as muitas agressões que sofrem. Além do vandalismo, há a poluição, a impermeabilização dos solos – o que reduz drasticamente a infiltração de águas e de nutrientes –, as podas drásticas para a passagem de fiação, do corte de raízes para a acomodação de tubulações, enfim.

Fulgurantes, encantadoras, verdadeiros cartões postais, um ícone de Maringá. A arborização atingiu o seu esplendor nas décadas de 1980 e 1990. Atualmente, parte delas encontra-se em declínio, em especial as que compõem o plano urbanístico original. De qualquer forma, podemos ainda dizer que vivemos em um ambiente urbano privilegiado, composto por uma vegetação exuberante, de excelência, que contribui para a qualidade de vida.

Tudo começou com o planejamento da cidade-jardim, elaborado pelo urbanista Jorge de Macedo Vieira, prevendo pulmões verdes e propiciando que as praças, ruas e avenidas recebessem a arborização. Foi uma visão de futuro, compartilhada logo depois por aqueles que desenvolveram esse trabalho com maestria: os engenheiros agrônomos Luiz Teixeira Mendes e Anníbal Bianchini da Rocha. Maringá, a “menina dos olhos” da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP), teve a sorte de ser agraciada com os melhores profissionais.

O futuro da arborização, contudo, é preocupante. O

Valdir Carniel



Trecho da Avenida São Paulo esquina com a Avenida Tamandaré. Espaço não prevê a instalação de árvores

Censo da Árvore de 2006 apresentou dados que exigem uma reflexão por parte de todos os setores da sociedade. Dentre 108.172 árvores analisadas, mais de 32% estavam em estágio sofrível, necessitando de um manejo urgente. Adoeceram pelas razões acima expostas e também devido ao ataque de pragas – consequência da superconcentração de algumas poucas espécies.

Com a arborização envelhecida, verifica-se a queda de algumas delas a cada tempestade. Para muita gente, a simples existência de uma árvore de grande porte em frente à sua casa ou estabelecimento comercial é motivo de preocupação. Não deveria ser assim.

É preciso que os maringaenses se interessem pelo tema e comecem a debatê-lo. Mas por onde começar?

| Status do Registro | Quantidade | % |
|--------------------|------------|--------|
| Regulares | 78.134 | 72,23 |
| Jovens | 15.127 | 13,98 |
| Ausentes | 10.440 | 9,65 |
| Cortadas | 3.749 | 3,48 |
| Mortas | 712 | 0,66 |
| TOTAL | 108.172 | 100,00 |

| Avaliação geral | | |
|-----------------|------------|-------|
| Condição | Quantidade | F (%) |
| Boa | 17.004 | 18,23 |
| Satisfatória | 45.926 | 49,25 |
| Sofrível | 30.331 | 32,52 |
| TOTAL | 93.261 | 100 |

1 Censo Árvore 2006. Dados coletados em 72,55% da área efetiva de Maringá. Cadastro de 90% da arborização de vias públicas. Execução: Centro Universitário de Maringá (CESUMAR). Apoio: Companhia de Energia Elétrica do Paraná (COPEL), Gelita do Brasil e Transporte Coletivo Cidade Canção (TCCC).



Corte de espécie na Avenida São Paulo

Pensar a arborização como uma das partes vitais de Maringá é justamente o propósito que inspirou a fundação do Instituto da Árvore em 2006, logo após a publicação daquele levantamento.

Reunindo especialistas e representantes de vários setores e instituições, o Instituto já prestou importante contribuição à cidade ao estruturar um consistente plano diretor voltado a preservar esse patrimônio público, plantou centenas de árvores no centro e bairros da cidade e desenvolveu juntamente com o município o início do ajardinamento nos canteiros centrais das avenidas.

Agora, dedica-se a implementar programas educativos – a começar por esta Revista (a primeira de uma série) destinada ao público infanto-juvenil, que visa resgatar o tema. Uma publicação histórica que somente foi possível porque pudemos contar com a sensibilidade de vários apoiadores, aos quais agradecemos.

Herdamos uma cidade que é pródiga em realizações e empreendedorismo. Os pioneiros foram ousados, futuristas, visionários. Precisamos, agora, fazer a parte que nos cabe: elaborar um plano inteligente e duradouro de manejo e renovação da nossa arborização, para que não fiquemos em débito com as gerações do futuro.



Outros cortes pelas vias de Maringá



Vias verdes e floridas

Além do Parque do Ingá, Bosque II e Horto Florestal, Maringá ainda mantém grande quantidade de outras reservas e parques florestais. Dentre alguns deles:

- Parque da Nascente do Rio Paiçandu (Avenida das Torres e Avenida Victorio Marcon).
- Parque Avenida Pio XII / Parque das Grevíleas (Avenida Brasil e Avenida Pio XII).
- Parque Florestal das Perobas (PR 317, saída para Campo Mourão).
- Recanto Borba Gato (Rua Primavera).
- Parque Ecológico do Guaiapó (Avenida D. Sophia Rasgulaeff / Rua Itapuã).
- Parque Florestal das Palmeiras (Avenida São Judas Tadeu / Rua Flamboyant).
- Parque Alfredo Werner Nyffeler (Rua Bogotá).
- Reserva do córrego Borba Gato (Rua dos Anúrios).
- Reserva do córrego Cleópatra (Rua Pioneira Maria de Freitas).
- Parque do Sabiá (Avenida Sincler Sambatti).

Para compor o extenso tapete verde que hoje recobre Maringá, muitas espécies tiveram diversas origens. Algumas foram trazidas do Serviço Florestal de São Paulo e Campinas, como a grevílea robusta, o flamboyant, a sibipiruna, o pau-ferro e as tipuanas.

Já o ipê-roxo, abundante pela Avenida Brasil e outras áreas, era espécie nativa que florescia dentro da mata. Anníbal Bianchini solicitou o recolhimento de suas sementes e providenciou a procriação dessa esplendorosa árvore. As bromélias, orquídeas e outros ornamentos foram baldeados do sul do Paraná e de Santa Catarina.

Esse processo de inserção de exemplares não nativos visou propiciar boa qualidade de vida aos habitantes, embelezamento, além de converter a

cidade em um modelo para outras regiões. Isso efetivamente ocorreu. Maringá foi molde para o desenvolvimento do projeto paisagístico de Cianorte, Umuarama, Nova Esperança, Cruzeiro do Sul, Mandaguaçu, Paranacity, Colorado, Jussara, entre outras. Até o Parque do Flamengo no Rio de Janeiro solicitou na época, mudas de sibipirunas ao Horto Florestal para compor a sua vegetação.

As principais, entre nativas e exóticas, espécies plantadas em Maringá são alecrins, sibipiruna, tipuana, ariticum, bougainvillea, pinha, pinheiro do Paraná, araucária, jaca, peroba, guaritá, pata de vaca, primavera, pau-ferro, pau-Brasil, flor de pavão, calistemum, caliandra, mamoeiro, chuva de ouro, cedro, dama da noite, tuia, paineira, laranjeira, limoeiro, mexerica, palheteira, coqueiro-anão, coqueiro-nativo, sobrasil, louro pardo, cedrinho, flamboyant, caqui, dracena, pitangueira, timbaúva, ameixa, eucalipto, ficus, figueira, pau d' alho, grevílea, hibisco, alecrim, uva do Japão, jatobá, ingá, jacarandá, extremosa, palmeira de laquê, leucena, oiti, sapuva, mangueira, cinamomo, magnólia, amoreira, falsa murta, jabuticabeira, espirradeira, castanha do brejo, gurucaia, kiri, canafistula, abacateiro, tamareira, pinus, jasmim manga, álamo, cerejeira, pessegueiro, araçá, romã, mamona, palmeira imperial, aroeira chorão, aroeira pimenta, guapuruvu, São João, manduriana, pau cigarra, jurubeba, bisnagueira, ciriguela, cajamanga, jambolão, ipê-amarelo, ipê-roxo, ipê-branco, ipê-vinhoto, pitomba, tamarindus, dentre outras.

Descaracterizando o projeto paisagístico que previu a uniformidade das árvores (uma única espécie no canteiro central e única espécie nas calçadas laterais), comprova-se que na maioria das avenidas e ruas ocorreu a disseminação de outras espécies. Eis algumas das principais vias de Maringá:



AVENIDA GETÚLIO VARGAS
Canteiro central: palmeira imperial
Laterais: tipuana e sibipiruna



AVENIDA BRASIL
Canteira central: ipê roxo
Laterais: sibipiruna e alecrim



RUA SANTOS DUMONT
Tipuana e sibipiruna



RUA NÉO ALVES MARTINS
Alecrim e sibipiruna



AVENIDA XV DE NOVEMBRO
Canteiro central: palmeira imperial
Laterais: tipuana



AVENIDA TIRADENTES
Canteiro central: flamboyant
Laterais: pau-ferro e sibipiruna



AVENIDA SÃO PAULO
Canteiro central: flamboyant
Laterais: sibipiruna



RUA PIRATININGA
Sibipiruna



AVENIDA HERVAL
Canteiro central: tamareira
Laterais: sibipiruna



AVENIDA DUQUE DE CAXIAS
Canteiro central: tamareira
Laterais: jacarandá



RUA BASÍLIO SAUTCHUCK
Ipê amarelo e sibipiruna



AVENIDA PARANÁ
Canteiro central: palmeira imperial, tamareira e mangueira
Laterais: ipê amarelo, sibipiruna e alocrim



AVENIDA RIACHUELO
Canteiro central: ipê roxo
Laterais: sibipiruna



AVENIDA LUIZ TEIXEIRA MENDES
Figueira branca e sibipiruna



PRAÇA DA CATEDRAL

Alecrim, coqueiros, jacarandá, palmeira imperial, grevilea

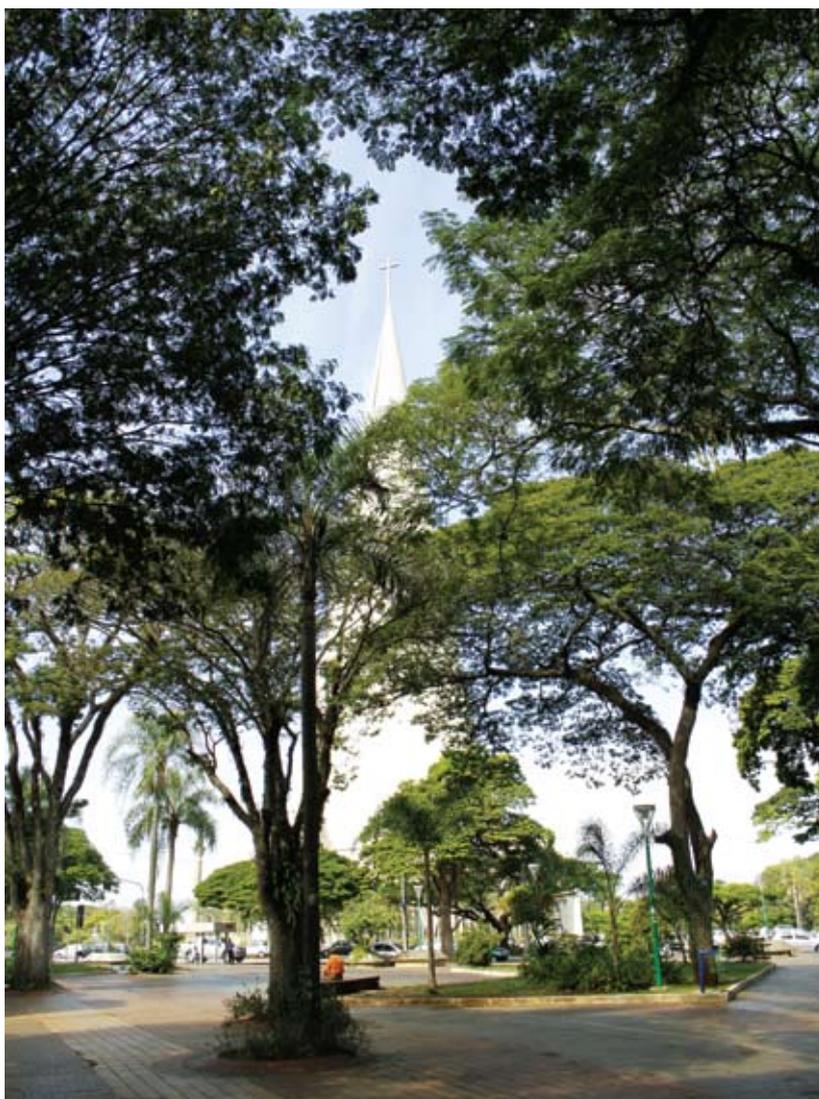


PRAÇA NAPOLEÃO MOREIRA DA SILVA

Palmeira imperial, pau ferro, sibipiruna, figueira, aroeira pimenta, entre outras



PRAÇA RAPOSO TAVARES
Sibipiruna, tipuana, entre outras



CENTRO DE CONVIVÊNCIA
Sibipiruna e coqueiro-anão,
entre outras



Esse complexo plantio, composto por dezenas de espécies nativas e exóticas, visou a quesitos estéticos e ornamentais que propiciam o colorido anual por meio das flores e frutos, bem como à questão funcional, que objetiva a redução de temperaturas por meio do sombreamento pelas ruas e avenidas.

É certo que o resultado almejado foi atingido. Toda essa arborização instalada ao longo do eixo urbano de Maringá faz parte do Patrimônio Cultural local. A alcunha “Cidade Verde” é resultado efetivo disso. Mas será que a expansão urbana respeitou os limites da natureza? Quais os próximos passos para mantermos a nossa qualidade de vida?



Passos em direção ao futuro

Apesar de caracterizada como “Cidade Verde”, somente em 1988 foi elaborado o primeiro estudo sobre a quantidade de árvores abrigadas em Maringá. Naquele ano apontou-se 26 m² por habitante. A aferição salientou ainda que muitas estavam comprometidas com doenças e maus-tratos, devido a podas mal executadas.

Hoje, dados estatísticos detalham que Maringá conta com 90% das vias públicas arborizadas. Mas, conforme constatado em 1988, dessas árvores 49% se encontram em estado satisfatório, 32% apresentam algum problema sério e 18% estão em boas condições. Os índices indicam que essa repressão ambiental é resultado do crescimento social e urbano. Basta lembrar que Jorge de Macedo Vieira nos alertou que a cidade poderia abrigar até 200 mil habitantes. Estamos próximos de 360 mil.

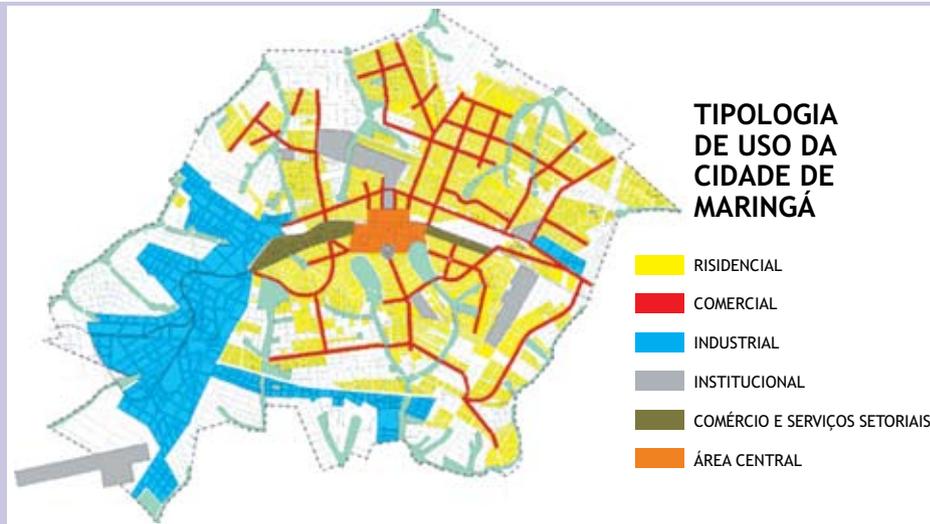
O Censo da Árvore estima que existam mais de 90 mil árvores espalhadas pelas ruas, avenidas, praças, além dos grandes parques incrustados no centro de Maringá. Essa população “secundária” precisa de atenção especial. Os problemas de poluição ambiental também se fazem cada vez mais presentes nos fundos de vale e nascentes.

Nos últimos anos ocorreram significativas melhorias e adaptações em benefício do meio ambiente municipal. Em 1993, por meio de uma iniciativa inédita no Brasil, a COPEL e Prefeitura de Maringá firmaram parceria para substituir a rede aérea de cabos de energia elétrica dispostos lado a lado, horizontalmente, por uma rede compacta que os distribuem em formato triangular, protegendo-os e facilitando a poda em “v” no interior da copa das árvores. Com isso, o Poder Público passou a executar com maior ênfase o aparar das espécies. Em longo prazo, o custo com quedas de energia, devido a galhos velhos e podres que danificam as redes, foi reduzido. Mas, a prática se mostrou ineficiente. Com as drásticas podas: efetuadas sem estudos especializados, não raro, a árvore adocece e definha até a morte.

Nos novos loteamentos, o plantio para ajardinamento e sombreamento segue uma orientação técnica. Permite-se que seja plantado 15% de cada espécie na área total. Isso porque a concentração de determinados exemplares pode acarretar o acúmulo de fungos, que impacta na saúde respiratória da população. Tal critério também é utilizado para a reposição de árvores pelas vias. Esses novos projetos imobiliários devem seguir alguns raciocínios básicos para a composição homogênea do conceito municipal.

Busca-se com isso impedir problemas provenientes da seleção inadequada de espécies para o uso urbano. O resultado dessa falha é danos a residências, quebras de calçadas, infiltrações, entre outros. Entretanto, o Poder Público não tem condições de fiscalizar ou mesmo prover mudas adequadas por meio do seu Viveiro Municipal.

Junto à beleza natural, encontramos ações criminosas: fixação de placas, pinturas, cortes desnecessários, queimadas, enfim, uma variedade de agressões contra as árvores. Para piorar a situação, o aumento das espécies, selecionadas a critério de cada habitante, estão sendo elevados diariamente. Esse fato vem mudando drasticamente a proposta inicial de Jorge de Macedo Vieira e Luiz Teixeira Mendes. Desta forma, constata-se a urgência no manejo e revisão no plano urbanístico e paisagístico de Maringá.



Você sabe a diferença entre cidade e município?

Cidade é uma área urbanizada estabelecida nos perímetros do eixo central, opondo-se, desta forma, aos bairros. O município é a circunscrição territorial que abrange e engloba as áreas subjacentes e está estabelecido por meio de certos órgãos político-administrativos.

O Poder Público salienta que mais de 20% das árvores estão infestadas de cupins. Por outro lado, a expansão subterrânea das redes de água, esgoto e telefonia, afetou diretamente as raízes dos exemplares. Ainda, existe o problema do excesso de impermeabilização das calçadas, que evita a absorção da água pelas raízes. Atualmente, é obrigatório o sistema de calçadas ecológicas. Mas, a maioria, principalmente nos bairros, ainda carece dessa nova concepção.

Se existem quedas de galhos ou árvores inteiras em períodos de chuvas torrenciais, comprova-se que a saúde das espécies está debilitada. A ocorrência não justifica a poda generalizada para evitar prejuízos. Algumas pessoas se aproveitam disso para abrir espaço da fachada de sua loja ou comércio.

Em resposta aos problemas socioambientais para com a malha arbórea de Maringá, em 19 de junho de 2006 foi constituído o Instituto da Árvore. Uma OSCIP, Organização da Sociedade Civil de Interesse Público, que tem como patrono o engenheiro agrônomo Luiz Teixeira Mendes e presidente de honra Anníbal Bianchini da Rocha.

O Instituto da Árvore tem a missão de contribuir para a preservação e valorização da arborização da cidade. Face ao envelhecimento dos exemplares, falta de manejo e manutenção do plano paisagístico, produção de mudas insuficiente, substituição errônea de espécies, insegurança perante as intempéries climáticas, além dos prejuízos pessoais e patrimoniais, a Associação busca promover a educação ambiental, construção do sentimento de proteção das árvores, irradiação de Maringá como patrimônio ambiental e cultural e propõe discussões sobre a arborização.

Diante do grande desafio, esta sucinta pesquisa propôs mostrar como foi desenvolvido o projeto urbanístico e ambiental de Maringá. Os personagens envolvidos nessa épica história foram desbravadores unidos por um único ideal: a construção dessa magnífica cidade.

É certo que a memória e a documentação são falhas e isso abre uma fresta impenetrável na integralidade dos fatos. Com isso, muitas pessoas, operários, pouco ou nunca ressaltados, não são lembrados. Mas, o legado foi plantado e floresceu nessa beleza esplendorosa que podemos ver, sentir e cheirar ao longo das praças, ruas e avenidas.

A responsabilidade foi transferida para a população que hoje desfruta dessa qualidade de vida

ímpar. É importante que você, jovem, conheça parte dessa epopeia e, com isso, auxilie na construção da nossa identidade cultural. O início de Maringá é recheado de fatos pitorescos que ainda proporcionarão livros saborosos para a leitura. Busque por nossas referências bibliográficas, fascine-se pela história do seu povo. Aprenda que descobrir é o caminho para continuar a pesquisar.

Acervo Maringá Histórica



Fotos/Valdir Carniel



“Os homens passam, as árvores ficam”
Luiz Teixeira Mendes.



Referências

- Acervo da Gerência de Patrimônio Histórico de Maringá.
- Acervo imagético de Kenji Ueta.
- Acervo imagético da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná.
- Acervo Maringá Histórica (<http://maringahistorica.blogspot.com>).
- Acervo do Museu Bacia do Paraná.
- Acervo do Instituto da Árvore
- Acervo de Cláudio E. Pietrobon
- ANDRADE, Arthur. Maringá. Ontem, hoje e amanhã. Maringá: Rumo Gráfica Editora, 1979.
- COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ. Colonização e desenvolvimento do Norte do Paraná. Publicação Comemorativa do cinquentenário da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP). São Paulo, 1975.
- CORDOVIL, Fabíola Castelo de Souza. A Aventura Planejada: engenharia e urbanismo na construção de Maringá, PR, 1947-1982. 2010. 636f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos.
- DIAS, Reginaldo Benedito. Da arte de votar e ser votado. Maringá: Clichetec, 2008.
- DIAS, Reginaldo Benedito Dias. GONÇALVES, José Henrique Rollo. Maringá e o norte do Paraná. Estudos de história regional. Maringá: Eduem, 1999.
- DUQUE ESTRADA, Jorge Ferreira. Terra crua. Maringá: edição do autor, 1961.
- Entrevista de Carlos Vitorino concedida ao autor em 21/04/2011.
- Entrevista de Fabíola Castelo de Souza Cordovil concedida ao autor em 19/04/2011.
- Entrevista de João Laércio Lopes Leal concedida ao autor em 18/05/2010.
- Entrevista de Jorge de Macedo Vieira concedida a Secretaria de Educação e Cultura de Maringá na cidade de São Paulo em 1972.
- Fotos atuais de Maringá: Valdir Carniel
- Fotos recentes de Anníbal Bianchini da Rocha: Flamma Comunicação
- Folha de Londrina de 12 de abril de 1973.
- GARCIA, Júlio César. Maringá Verde? O desafio ambiental da gestão das cidades. Maringá: Eduem, 2006.
- IV Bienal Internacional de Arquitetura sobre Jorge de Macedo Vieira. Associação dos Moradores do Jardim da Saúde, São Paulo-SP: novembro 1999 a janeiro de 2000.
- JOFFILY, José. Londres-Londrina. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- Lei municipal nº. 32 de 1957
- Lei municipal nº. 115 de 1958
- Lei municipal nº. 3 de 1959
- Lei municipal nº. 34 de 1959
- Lei municipal nº. 307 de 1964
- Lei municipal nº. 383 de 1965
- Lei municipal nº. 465 de 1966
- Lei municipal nº. 621 de 1968
- Lei municipal nº. 640 de 1968
- Lei municipal nº. 905 de 1972
- Lei municipal nº. 1556 de 1982
- Lei municipal nº. 649 de 1983
- Lei Orgânica Municipal (art. 174 de 17/04/1990)
- LUZ, France. O fenômeno urbano numa zona pioneira: Maringá. Maringá: Prefeitura Municipal, 1997.
- MARINGÁ, P. M. Memória dos bairros: Vila Operária. Prefeitura do Município, Secretaria de Cultura, Gerência de Patrimônio Histórico, Maringá, 2002.
- MENEGUETTI, Karin Schwabe. Cidade jardim, cidade sustentável. Maringá: Eduem, 2009.
- O Jornal de Maringá de 30 de outubro de 1959
- O Jornal de Maringá de 12 de julho de 1958
- RECCO, Rogério. À sombra dos ipês da minha terra. Londrina: Midiograf, 2005.
- REGO, R. L. As cidades plantadas. Os britânicos e a construção da paisagem do norte do Paraná. Londrina: Humanidades, 2009.
- Revista A Pioneira. Londrina: março e abril de 1954.
- Revista Manchete. Bloch Editores: Rio de Janeiro-RJ: 1972.
- Revista Maringá: os alicerces do futuro, s/d.
- RODRIGUES, Ana Lúcia. Características do processo de urbanização de Maringá, PR: uma cidade de “porte médio”. CADERNOS METRÓPOLE, N. 12, pp. 95-121, 2º sem. 2004.
- STEINKE, R. Ruas curvas versus ruas retas. Maringá: Eduem, 2007.

http://www.codem.org.br/investe/2_1.htm - Acessado em 21 de maio de 2011 às 19h31.



SUGESTÕES DE ATIVIDADES EM SALA DE AULA

- 1** Elabore uma redação contando a história do bairro que você mora. Para isso, converse com os moradores mais antigos, entre em contato com a Gerência de Patrimônio Histórico e outros departamentos da Prefeitura de Maringá e busque reunir o maior número de dados possíveis para embasar o seu texto.



Para auxiliar a pesquisa, sugere-se que alguns pontos sejam respondidos com relação ao seu bairro:

- Data de fundação / oficialização.
- Procedência do nome.
- Principais avenidas e ruas.
- Pontos de maior movimentação (praças, igrejas, entre outros).
- Identificação dos moradores mais antigos.
- Elaboração de questionário.
- Entrevista gravada.
- Apontamento dos prédios e comércios mais antigos.
- Mapeamento das principais espécies de árvores instaladas nas ruas e avenidas.
- Fazer um comparativo de ontem e hoje. Qual é a situação atual do bairro e quais as possíveis melhorias a serem feitas?

O (a) professor(a) articulará a apresentação de cada uma das redações.

O aluno ficará responsável para ressaltar os pontos históricos mais importantes do seu bairro.

Pode ocorrer a formação de grupos, residentes na mesma região, para subdividir as tarefas.

- 2** Sobre os nomes que Maringá teve antes, segundo o texto, quais foram os dois possíveis que fizeram parte do cotidiano daquele vilarejo?

- () Vila Pinguim e Vila Macuco
- () Vila Cleópatra e Vila Jumbo
- () Vila Borba Gato e Vila Itupeva
- () Maringá Velho e Maringá Novo



- 3** Com relação ao planejamento urbanístico de Maringá, quais personagens foram responsáveis pela preparação do rascunho, com as informações primordiais, para o desenvolvimento do traçado elaborado por Jorge de Macedo Vieira?

- () Gastão Vidigal e Lord Lovat
- () Aristides de Souza Melo e Willie Davids
- () Cássio Vidigal e Gastão de Mesquita Filho
- () Alfredo Werner Nyffeler e Arthur Thomas



- 4** Em 10 de novembro de 1942, a Companhia de Terras Norte do Paraná fundou o Hotel Campestre, no, hoje, “Maringá Velho”. Este estabelecimento comercial também ficou conhecido como:

- () Hotel Ingá
- () Hotel Esplanada
- () Hotel Bom Descanso
- () Hotel Maringá



5 Perante o texto, faça um sucinto relato sobre o personagem João Tenório Cavalcante:



6 Assinale com “V”, o que for verdadeiro, ou “F”, o que for falso:

- () Maringá, após sua urbanização, por conta da falta de arborização, foi afetada com elevadas temperaturas.
- () A lama fazia parte do cotidiano da população em períodos de chuvas.
- () Jorge de Macedo Vieira incluiu em seu projeto todos os bairros que já estavam instalados por Maringá.
- () A arborização veio como uma parte complementar do projeto urbanístico.



7 Para desenvolver a arborização de Maringá, como um complemento ao projeto urbanístico de Jorge de Macedo Vieira, a Companhia de Terras Norte do Paraná contratou o engenheiro agrônomo Luiz Teixeira Mendes. Discorra, perante o texto, sobre esse personagem:



11 Escolha um dos livros da referência ao final do texto e, utilizando-o como base, produza uma dissertação sobre a história de Maringá. Procure explorar os fatos que mais lhe chamarem a atenção.



Após a conclusão, o professor (a) irá propor uma integração entre os alunos em sala, reunindo-os em grupos perante o livro selecionado. Os alunos irão falar sobre as descobertas do assunto e o que mais os fascinou.

12 Selecione dez pontos históricos ou turísticos, que você julgue de grande importância para Maringá. Após isso, faça duas fotos de cada local/prédio escolhido e, juntamente de um sucinto texto explicativo, monte uma exposição na sua escola.

O texto explicativo deverá ressaltar os seguintes quesitos:

- Por que você escolheu desse local/prédio?
- Quando foi fundado? Onde está instalado (bairro)?
- Qual entidade/empresa é responsável por sua preservação?
- Existe interesse, por parte dos dirigentes, em preservá-lo?



O (a) professor (a) deverá organizar os alunos em grupo de 3 a 6 pessoas. As imagens serão capturadas em câmeras digitais. Posteriormente, o (a) professor (a) analisará quais os melhores formatos para a impressão, com os respectivos textos explicativos, e poderá organizar a exposição nos corredores ou áreas de maior movimentação da escola. A sugestão é que essa ação ocorra no mês de aniversário de Maringá.

13 Com o tema “Arborização de Maringá. Somos uma cidade realmente verde?”, produza uma redação de censo crítico com o objetivo de entender o atual cenário a qual a cidade está inserida no quesito ambiental e de arborização, propondo, ao final, possíveis sugestões de melhorias.

Para essa atividade, sugerimos a leitura de alguns livros que constam na referência bibliografia desta revista.

Além disso, a fim de maior aprofundamento, realize entrevistas com representantes da Secretaria Municipal do Meio Ambiente, Instituto da Árvore, Instituto Ambiental do Paraná (IAP) e com profissionais que estejam relacionados ao tema:

- Arquitetos.
- Engenheiros.
- Agrônomos.
- Pesquisadores.
- Ambientalistas.



Com os textos prontos, os (as) professores (as) poderão fazer uma mesa redonda e colocar as propostas em discussão e os alunos selecionarão quais as três melhores sugestões.

Ao final, a turma assinará um abaixo assinado, endossado pelos (as) professores (as), onde constarão as sugestões ora julgadas como melhores.

Esse documento poderá ser entregue ao prefeito ou outro órgão responsável.



Todas essas sugestões poderão ser trabalhadas no âmbito da multidisciplinaridade.

EDUCAÇÃO FISCAL PARA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Eugênio Celso Gonçalves (Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil)
Marcos Luchiancenkol (Analista Tributário da Receita Federal do Brasil)

Em nossa sociedade ainda prevalecem alguns falsos paradigmas sociais como o da cultura da sonegação fiscal: “Esperto é o que consegue sonegar”. Muitas vezes as pessoas não atentam para o fato de que todos os serviços e bens públicos disponíveis à população, úteis e necessários ao nosso cotidiano, são custeados com os tributos que cada um de nós paga. Todos somos contribuintes de fato, ainda que sejamos isentos do imposto de renda ou que não tenhamos carro ou casa própria.

É que pagamos vários impostos e contribuições ao consumirmos bens e serviços, muitas vezes sem percebermos.

O tributo é algo inerente e essencial à construção da vida em sociedade e, por isso, ele guarda relação direta com o cotidiano das pessoas. Daí a importância de tratarmos de Educação Fiscal nas escolas e em nossa comunidade, tal como priorizamos a educação ambiental, a educação sexual, a educação para o trânsito, todos temas sociais da mais alta relevância para a formação de um cidadão consciente de seus direitos e obrigações, participativo e solidário, responsável pelo seu próprio destino e comprometido com as legítimas aspirações da sociedade.

O objetivo geral do Programa Nacional de Educação Fiscal é mudar esta cultura secular que torna muitos de nós complacentes com a sonegação, o contrabando, a pirataria e a corrupção, sem perceber o mal que estas práticas trazem para a vida em sociedade. O tributo que um empresário cobra do consumidor ao vender uma mercadoria sem nota fiscal e, conseqüentemente, não repassa aos cofres públicos ou o recurso orçamentário que um administrador público corrupto desvia, certamente vai faltar para garantir o medicamento a um doente carente, a merenda de boa qualidade em uma escola ou o salário do professor. Por isso, a sonegação fiscal e a corrupção são crimes sociais da mais alta gravidade e que merecem o mais veemente repúdio público. Ainda que direta, ou imediatamente, não lesem a integridade física de qualquer cidadão, indiretamente esses crimes tem um efeito social devastador, pois afetam principalmente as pessoas mais necessitadas, que dependem fundamentalmente dos serviços públicos essenciais até para garantir a sua sobrevivência.

Merecem destaque também os crimes de contrabando e falsificação de marcas, mais conhecido como pirataria. Ao consumirmos produtos contrabandeados ou pirateados estamos fechando postos de trabalho na indústria nacional e sendo coniventes com a exploração de trabalhadores no outro lado do mundo, em condições, muitas vezes, desumanas. Estamos financiando verdadeiras máfias, que através dos vasos comunicantes do crime também praticam o contrabando de armas, o tráfico internacional de drogas e outros ilícitos. Quando um adolescente desinformado, inocentemente compra no camelô da esquina um inofensivo CD, desconhece que o pobre e explorado camelô é apenas a ponta de um gigantesco iceberg da indústria do crime que lucra bilhões de dólares por ano semeando a violência, reduzindo milhões de seres humanos à condição de quase escravo e outros tantos a um estado vexatório provocado pela dependência química.

Sabemos que mudanças comportamentais em uma sociedade complexa, multicultural e herdeira de imenso fosso entre as classes sociais, como é a nossa, são lentas e muito difíceis. Mas são perfeitamente possíveis quando há vontade política e ação coordenada dos poderes públicos das três esferas. É justamente por isso que não podemos mais adiar o debate sobre as questões que aqui estão expostas.

Sugestões de complementos ao conteúdo:

Instituto da Árvore
<http://iarvore.blogspot.com/>

Projeto Maringá Histórica
<http://maringahistorica.blogspot.com>

Prefeitura de Maringá
www.maringa.pr.gov.br

Dia-a-dia Educação
<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br>

Ministério do Meio Ambiente
<http://www.mma.gov.br>



Prêmio Excelência Gráfica Oscar Schrappe Sobrinho



PARA SER COMEMORADO COMO A NOSSA QUALIDADE:
SEM MODERAÇÃO!

Com um produto da ALTO GIRO - RECCO CONFECÇÕES, a Gráfica Regente comemora a conquista do 9º Prêmio Oscar Schrappe Sobrinho, na categoria CATÁLOGOS PROMOCIONAIS E DE ARTE COM EFEITOS GRÁFICOS ESPECIAIS.

Promovida pela Abigraf-PR e o Sigep (Sindicato das Indústrias Gráficas do Estado do Paraná), é considerada a maior premiação da indústria gráfica do estado, essa conquista vêm consolidar a posição da Regente entre as melhores gráficas do país e só foi possível graças à sua constante busca, sem moderação, pela excelência na qualidade de seus impressos.



GRÁFICA REGENTE

FONE: (44) 3366-7000

Av. Paranavaí, 1146 - CEP 87070-130 - Maringá - PR

www.graficaregente.com.br